



Mediunidade homens e fatos que fizeram história

Capivari-SP

-2007-Mediunidade - Homens e fatos que fizeram história *Luiz Gonzaga Pinheiro*

Iª edição junho/2007 - 3.000 exemplares Capa:

André Stenico

Diagramação:

Saulo Camargo

Revisão:

Hilda F. Nami

CDD **133.9**

Ficha Catalográfica Pinheiro, Luiz Gonzaga

Mediunidade - Homens e fatos que fizeram história, Luiz Gonzaga Pinheiro, Iª
edição, junho/2007.

160p.

1 - Biografia de médiuns e pesquisadores

2 - Mediunidade - fatos e histórias

Lídia R. M. Bonium Curi

Dedicatória

Este livro é dedicado a todos os habitantes deste planeta minúsculo que não aceitaram fazer parte do senso comum. Que por sua iniciativa produtiva, construíram pomares onde outros só viam desertos. Foi assim com meu velho amigo Alexandre Diógenes quando criou o Projeto VEK. Foi assim quando o segui.

Índice

Introdução....	9
A mediunidade no passado	13
Homens e fatos que fizeram história	17
Moisés - A lei eterna	21
Creso - Errando na Interpretação.—	29
Jesus - Localizando o cardume.....	33
Apolônio de Tiana - A morte do Imperador.....	41
Dante Alighieri - O sonho revelador.....	47
Joana D'Arc - Preparando o Iluminismo	53
Emmanuel Swedenborg - Incêndio em Estocolmo ..	61
Afonso de Liguori	
Em dois lugares ao mesmo tempo	69
Contemporâneos de Kardec	75
Cahagnet - Chegando antes, saiu depois.....	81
Epes Sargent - O Kardec americano	85
William Crookes - A comprovação da ciência	89
Zöllner - A quarta dimensão.....M..M.WM..M.....M.M _H	97
Daniel Dunglas Home - O médium voador	103
Camille Flammarion - O caçador de estrelas	109
Eusapia Palladino - Exaustivamente testada	115
Elizabeth D'Espérance - O corpo pela metade.....	121
Florence Cook	
Uma pá de cal sobre a incredulidade.....	129
Vale Owen - Um estranho em minha mesa.....	137
Henry Slade - Cobrando pelo serviço.....	143
Inegável interação	149
Conclusão	

Introdução

Quem realmente iniciou a era da mediunidade sobre a Terra não sabemos. Todavia, a época deve remontar aos primeiros habitantes do planeta. Diante desse

fato é impossível afirmar com segurança o quanto do progresso que já atingimos deriva exclusivamente das ideias dos desencarnados, uma vez que somos todos, em maior ou menor grau, antenas vivas a captar pensamentos e a convertê-los em ações e obras.

A descoberta da roda, do fogo, da agricultura, dos milhares de instrumentos que auxiliaram o homem na sua faina diária de domar a natureza e de extrair dela a sua sobrevivência foi exclusivamente uma batalha dele ou teve a ajuda de outros já despidos da vestimenta carnal?

Sobre esta questão podemos apenas especular com um avantajado grau de certeza, devido ao entranhado bordado unindo as vidas dos encarnados e dos desencarnados, desde tempos imemoriais. Conta-nos Ernesto Bozzano que a crença na continuidade da vida após a morte nasceu na experiência mediúnica. Durante a grande era glacial, ocasião em que o clima da Terra reduzira a um grande lençol branco os campos e as montanhas, o homem de Neanderthal foi obrigado a se esconder em cavernas para sobreviver à morte pelo frio. Acossado pela fome e pelas doenças, como acontece nas calamidades, a sensibilidade das massas emergiu das profundezas do ser, provocando uma das primeiras invasões organizadas de desencarnados no plano material por via mediúnica, com a finalidade de implantar de vez a ideia da perenidade da vida, da comunicabilidade dos Espíritos que já haviam deixado o mundo físico, da inexistência da morte pelo gelo, calor, velhice ou qualquer outro método de decomposição cadavérica.

Relata o escritor italiano que os sonhos premonitórios, as visões de Espíritos, a audição da voz dos mortos, a materialização e outras manifestações espirituais foram fatos concretos que firmaram um conceito de perenidade da vida e uma espécie de pacto de comunicação com Deus, que podia ser obtida através de determinados indivíduos. Estes, com o tempo, passaram a ser chamados de feiticeiros, sacerdotes, adivinhos, bruxos, dentre outros títulos.

Durante a antiguidade vamos encontrar entre todos os povos a evocação dos mortos e um ritualismo próprio para conquistar a simpatia dos Espíritos dos mortos a quem, consciente ou inconscientemente, queriam como aliados e cultuavam como deuses menores. Todos os mistérios dessa época têm como base as relações com os Espíritos dos mortos e como prática o exercício da mediunidade.

Esta navegou nos mares do tempo praticada com finalidades diversas e sem uma sistematização que lhe desse regras, que a disciplinasse, despisse de mitos e preconceitos, definisse-a, sobretudo, como uma faculdade humana, dela retirando o cunho divino ou demoníaco. Coube a Allan Kardec a tarefa de estudar e retirar a mediunidade de sua aura sobrenatural, situá-la no campo da neutralidade, estabelecer como adornos para vesti-la a moralidade e o estudo, despi-la de ritualismo, norteá-la com referenciais de simplicidade e funcionalidade palpáveis e passíveis de evolução, conferir-lhe o real significado de meio de comunicação mais

ou menos puro, conforme os cuidados de que for dotada e os rigores com que for observada.

Ao definir a mediunidade como apenas um mecanismo de transmissão de mensagens do além, o codificador deu ao médium a tarefa específica de ser o meio através do qual flui a mensagem, como o fio que encaminha a energia para que a lâmpada seja acesa. Conforme se apresente o meio, a mensagem poderá sofrer avarias ou não. Com isso quis demonstrar que uma grande carga de energia não é suportável a um fio tênue. Se considerarmos a mensagem como a luz e o meio como o vidro, teremos uma redução gradativa de luz a atravessar o vidro conforme seja ele mais ou menos opaco. Daí a necessidade de o médium evangelizar a si próprio a fim de se tomar um meio diáfano àquele que lhe concede a tarefa de lhe servir como intérprete.

A Terra não é habitada apenas por encarnados. Visitam-nos e convivem conosco vasta população de desencarnados a interagir através de conselhos, ensinamentos, advertências, bênçãos, agressões, e mil maneiras outras de comunicação até mesmo desconhecidas por nós. Nesse contexto aparentemente caótico em que vivemos, destacam-se regras simples enfatizadas pelo Espiritismo para uma vida mais saudável: nossas companhias espirituais são escolhidas pelo nosso pensamento e nossa casa tem os hóspedes que convidamos pelo nosso proceder. Desconhecemos o número exato dessa população que não consta nos registros do censo nem tem por base os obituários.

A maneira natural de promover qualquer intercâmbio com essa parcela aparentemente inexistente é, como foi dito, o pensamento. Se alguém procura uma conversa mais íntima com um habitante do mundo oculto pode recorrer à mediunidade como quem utiliza um telefone para dialogar; caso queira liberar-se de uma companhia indesejável que o importune, deve recorrer à desobsessão. Tudo, naturalmente, dentro da moral e da ética cristã.

Kardec expôs tudo com clareza, sem mistérios ou iniciação obrigatória. É verdade que toda essa fenomenologia já existia antes dele e dos seus mais remotos ancestrais. Todavia, é igualmente verdade que ele codificou, sintetizou e retirou do espontaneísmo com o qual eram praticados, os fenômenos mediúnicos.

A partir de Kardec, de *O Livro dos Médiuns*, a mediunidade ganhou foros de naturalidade, ordenação, treinamento e regras para se tomar produtiva e útil; revestiu-se de defesa contra as investidas dos que lhes são contrários e forneceu um roteiro de iluminação para todo aquele que a pratique.

A conclusão desse raciocínio é óbvia. A mediunidade é de todos os tempos, mas o roteiro para bem conhecê-la e discipliná-la é espírita.

A mediunidade no passado

Sabemos que, sendo a mediunidade inerente ao Espírito, ela sempre existiu

como uma maneira a mais de comunicação entre os Espíritos, interpretada inicialmente como fato milagroso, sobrenatural, devido ao desconhecimento das leis naturais.

Assim, em todas as religiões e povos, países ou épocas, vamos encontrar uma ponte entre os planos material e espiritual, como sendo o caminho natural e óbvio para aproximar-se do Divino. Os sacerdotes brâmanes que se apoderavam dos mistérios sagrados, treinavam seus alunos na arte da levitação, do desprendimento do corpo, da insensibilidade à dor e, naturalmente, da evocação dos espíritos dos mortos.

A proibição de Moisés no que se refere à evocação dos mortos prende-se à evocação dos Espíritos para proveito próprio ou de terceiros, praticada pelos magos do Egito. Neste país, a mediunidade era de uso corrente entre os iniciados, que conheciam todas as nuances de sua prática, embora, nem sempre a utilizassem de forma positiva. Praticadas sob sigilo imposto por juramento, que se quebrado era punido com a morte, a mediunidade floresceu de maneira exuberante na Índia e no Egito. No país dos faraós, os sacerdotes eram tidos como pessoas com poderes sobrenaturais, conhecedoras das leis da magia e com capacidade para promover a cura dos seus amados e a morte dos inimigos. Além de conhecerem o magnetismo e o sonambulismo, utilizavam a clarividência em diagnósticos e praticavam a hipnose para a cura, sendo hábeis em suggestionar para obter o que queriam.

Na Suméria a medicina tinha como método principal a prática de feitiços para afastar os maus Espíritos e a utilização de ervas para erradicar as moléstias. Os Babilônios, mais supersticiosos, recorriam a sacrifícios e à magia com a finalidade de afastarem os maus Espíritos que, da treva onde viviam, os espreitavam, tendo o poder de atacar a todos com pestes e prejuízos de toda ordem.

Os celtas, povo que se estabeleceu na Europa e que atingiu o seu apogeu no período do século VI ao III a.C. organizavam grupos de sacerdotes, os druidas, que se especializavam nas comunicações com os mortos. Tais grupos, fechados aos leigos, tinham seus componentes selecionados quando crianças e preparados através de extenso programa que envolvia a reencarnação, a comunicação com os mortos, a lei de causa e efeito, as penas e recompensas futuras, o livre-arbítrio, as esferas espirituais, dentre outros. Segundo Zéfiro, um Espírito que, na iniciação de Kardec, com ele teceu alguns diálogos, Allan Kardec foi o nome utilizado no ano **100** a. C. por um sacerdote druida que, tendo sido justo e sábio, muito fez pelo seu povo naquela encarnação, sendo este o mesmo Espírito então encarnado sob a personalidade de Hippolyte Léon Denizard Rivail. Devido a esta revelação, o professor Rivail adotou o pseudônimo de Allan Kardec.

Os gregos foram os mais famosos na divulgação da mediunidade através dos oráculos, templos onde as pitonisas, os sibilas e os pítons desvendavam o passado, revelavam o futuro e comentavam o presente de seus consulentes. Na verdade

eram apenas médiuns que escutavam as perguntas da população e respondiam segundo critérios, nem sempre honestos, às questões propostas. Sabe-se que nesse campo, a mediunidade, as interferências, o animismo, as mistificações, além do charlatanismo, são pedras de tropeço das quais devemos nos precaver.

Na velha Grécia os templos destinados aos deuses eram comuns e mediante oferendas, em qualquer um deles, o pedinte poderia obter um favor, desde que seguisse o ritual por ele determinado. A título de curiosidade vejamos como procediam, solicitante e pitonisa, no caso de uma visita mais importante: Ambos se banhavam na fonte com a finalidade de se limparem de impurezas. Em seguida bebiam da água sagrada para então entrarem no templo. Procedia-se o ritual de evocação do deus representante do templo, para então, a pitonisa, aspirando vapores sulfurosos e mascando folhas de louro, cair em transe e responder à pergunta feita, sendo esta anotada pelos sacerdotes, que a interpretavam em seguida.

Vale ressaltar que nem sempre o oráculo falava a verdade, sendo que a culpa recaía sobre a interpretação equivocada que lhe fora dada, como veremos mais adiante na consulta de Creso, rei da Lídia.

Os romanos também tinham seus oráculos nos quais baseavam suas respostas em sinais observados em vísceras de animais sacrificados. O avanço do cristianismo, que por sua essência moral atraía os bons Espíritos às reuniões de discípulos sinceros, sendo que estes transmitiam mediunicamente, de viva voz, sem a necessidade de rituais ou de outro adereço qualquer, as mensagens da espiritualidade superior, foi esvaziando o método primitivo dos sacrifícios.

Se recorrermos Bíblia veremos um grande desfile de fatos mediúnicos capaz de deixar confuso e sem argumentos qualquer defensor da não comunicação com os mortos. Vejamos alguns bem ostensivos: Daniel (5:5): Por ocasião em que se realizava um banquete oferecido pelo rei Balthazar ao qual compareceram mais de mil pessoas, no momento em que bebiam vinho e louvavam os deuses, apareceram uns dedos de mão de um homem e escreviam defronte ao candeieiro, no reboco da parede do palácio. O rei via os movimentos da mão que escrevia. Ezequiel (8:2): Olhei e eis uma figura como de fogo; Estendeu ela dali como uma mão e me ergueu pelos cabelos levando-me para ver visões de Jerusalém. O fenômeno de materialização ou de escrita direta que deu a Moisés a Tábua da Lei contendo os Dez mandamentos; Levitação de Ezequiel (3:14); Jeremias (39:15) incorporado prega contra a guerra aos exércitos de Nabucodonosor; A feiticeira de En-Dor (Samuel 1:28).

O que queremos enfatizar é que em todos os tempos o fenômeno mediúnico esteve presente na Humanidade como um fato intrínseco ao Espírito. Nem mesmo utilizando-se os antolhos dos cépticos e dos materialistas se poderia negar a sua existência e as suas marcas na história dos povos. Hoje ele é aceito, estudado e visto como uma confirmação da imortalidade da alma, de sua comunicabilidade e,

por revelações a ele atreladas, de toda a fenomenologia espiritista que os próprios imortais, através do seu correio do além nos legaram.

A história do planeta um dia será contada como uma parceria desses dois planos, visto que é feita por eles, pois se complementam como as faces de uma moeda. Somos, todos, encarnados e desencarnados, simplesmente Espíritos; onde estivermos nos é possível acionar o pensamento e entrar em comunicação, se condições favoráveis existirem, com nossos irmãos, pois esta é a vontade do nosso Criador.

E assim será sempre

Moisés (século XIII a. C.) A lei eterna

Moisés foi o missionário escolhido para reunir o povo hebreu, mantido na condição de escravo no Egito. Antes da servidão a que estava submetido, esse povo vivia em tribos nômades na Palestina, adentrando o Egito em busca de comida por ocasião de períodos prolongados de fome.

Os egípcios viram nele uma ótima oportunidade de aproveitá-lo em trabalho escravo já que necessitavam de mão de obra para as suntuosas obras do faraó e, em troca de comida solapavam suas reservas de energias, obrigando-os a trabalhos forçados sem remuneração.

Essa escravidão atingiu o seu ápice na 19^a dinastia quando Ramsés n reinava absoluto sobre o Egito. Este faraó, querendo erguer monumentos à sua glória, impôs aos escravos a tarefa de construir uma cidade e outras obras que o lembrassem na posteridade. Moisés, filho de pais escravos, para não sofrer o mesmo destino do seu povo, foi colocado em uma cesta ao nascer, posta a deslizar sobre as águas do rio Nilo, sendo recolhido pela filha do faraó, que o criou e educou como a um príncipe.

Posteriormente, já adulto, culto, inteligente, adestrado pelos iniciados nas artes da magia e na disciplina da mediunidade que portava, veio a saber que pertencia àquela raça considerada desprezível pelos que então o identificavam como filho.

Caráter nobre, homem honesto, Espírito resoluto, pois se não o fosse teria optado pelo mais cômodo e confortável, viver sem preocupações no palácio e até, quem sabe, ser o substituto do faraó, foi de encontro a tudo e a todos que o haviam amparado, posicionando-se ao lado do seu verdadeiro povo, agora oprimido.

Esse foi o seu primeiro teste, pois todos os grandes homens são testados em sua coragem e capacidade antes de, realmente, adentrarem à luta que os aguardam. Naturalmente, e até para não ser ingrato, foi ao faraó e pediu humildemente que libertasse o seu povo a fim de retirá-lo do regime que o

subjugava e o colocava na condição de animal de carga.

Conhecendo a raça humana em seu poder de aliciar e de corromper, ninguém duvidará de que o faraó e seus familiares de tudo tentaram para convencê-lo a permanecer na vantajosa posição em que se encontrava. Certamente, no discurso que utilizaram, mencionaram mais honrarias, subestimaram as virtudes dos judeus, utilizaram a chantagem emocional destacando a sua condição de "filho" amado, enumeraram e aumentaram os obstáculos que ele enfrentaria à frente de uma raça de homens preguiçosos e sem nenhum valor.

Mas na sua consciência havia o compromisso com a honra, a justiça, a missão que recebera do guia do povo judeu, cuja palavra inegociável era, libertação. Com a recusa do faraó, rompidos foram os laços de amizade entre ambos e Moisés recorreu então a uma série de pragas, ainda não bem explicadas pela história antiga ou contemporânea.

O que se viu a partir de então a atormentar o Egito foi a mortandade de peixes, enxames de insetos e epidemias, fatos cujas origens podem ter tido contribuições de encarnados e apresentar explicações naturais, principalmente quando esses encarnados são conhecedores de importantes leis da Natureza. Se tais causas não foram humanas, ou seja, tiveram origem natural, foram habilmente exploradas para que parecessem de procedência divina, uma intervenção do próprio Deus a favor da raça oprimida.

Tantos foram os tormentos que se sucederam que o faraó, finalmente, sob a ameaça de que na última praga morreriam todos os primogênitos do Egito, cedeu ao desejo de Moisés e ordenou a retirada daquele povo escarnecido.

Para sair do Egito, Moisés, agora comandante da legião dos desafortunados, poderia escolher várias trilhas em direção a Palestina, não precisando, necessariamente, atravessar o Mar Vermelho para atingi-la. Todavia, sabendo que o exército do faraó havia recebido a ordem de retomar os escravos em fuga, tomou uma decisão incomum, optando pelo caminho mais difícil, atravessar o perigoso Mar Vermelho em sua maré baixa. Quando os soldados egípcios chegaram a maré estava alta e os deteve.

Moisés era hábil na arte da guerra, pois havia estudado técnicas de combate com seus antigos companheiros. A fim de dificultar o confronto, tomou uma trilha árida e pedregosa, impraticável para os carros de combate e arriscada para a cavalaria, contingentes impróprios para o terreno e a técnica de combate imposta pelo comandante em fuga.

Junto a escravos de outras origens, os hebreus, sob o comando de Moisés adentraram o deserto rochoso que cobre a península do Sinai. Tendo que lidar com um povo revoltado pelo tratamento que tivera em terra estranha, rebelde diante das leis, pois só obedeciam sob o estalar do chicote, com aspirações reduzidas à satisfação de necessidades primárias, Moisés, diante de um cotidiano saturado de queixas e reclamações, teve que impor um regime disciplinar duro e sem apelações

a fim de manter a ordem e a união do povo.

A sua agudeza psicológica o fez permanecer naquele lugar castigado pelo rigor climático durante **40** anos, a fim de que morresse a geração viciada em hábitos adquiridos e costumes nocivos à formação do novo país que haveria de nascer. No transcorrer desse tempo Moisés tratou de educar a geração que crescia nos ensinamentos traçados por ele e pelo guia do seu povo. Para tanto elaborou a lei civil, de sua autoria e inspiração, e para dotá-la de maior credibilidade, as divulgou como de origem divina.

Ressaltamos que Moisés fez o que, realmente, deveria ter feito para manter a unidade do seu povo. Uma legislação branda o enfraqueceria e a unidade tão sonhada não seria alcançada. Como não havia cadeias para guardar prisioneiros a desobediência era punida com a morte. Vejamos algumas leis civis extraídas do: *Gênesis*

O incircunciso que não for circuncidado, será eliminado (17:14)

Êxodo

Quem ferir alguém que morra, certamente será morto (21:12)

Quem amaldiçoar pai ou mãe, será morto (21:17) Quem fizer alguma coisa no Sábado, morrerá (31:15) *Levítico*

Quem comer sangue será morto (7:27)

Quem se chegar a uma mulher no período, ambos serão mortos (20:18)

Quem desfigurar o seu próximo, como ele fez assim lhe será feito (24:19)

Deuteronômio

Um filho desobediente deverá ser apedrejado até que morra (21:21)

Mulher vestir traje de homem, ou vice-versa, é abominação ao Senhor (22:5)

Mulher casada não achada virgem, deverá ser apedrejada até morrer (22:21)

Quem se chegar a mulher casada, ambos morrerão.

Observa-se nas leis civis um caráter temporário, próprio do estágio primitivo de um povo, cuja finalidade era manter a disciplina a todo custo. Nesse período Moisés aboliu as atividades mediúnicas, pois na condição de extraordinário médium sabia dos inconvenientes dessa prática, quando utilizada sem as devidas orientações que a disciplinassem. Para formar uma nova geração sem os traumas da escravidão, da revolta, fortalecida por uma unidade racial política e religiosa sob a égide de um deus único, não queria interferências de mentes desencarnadas interessadas na desordem e na descrença.

Durante esse estágio no deserto transcorreram fatos que iriam influenciar a humanidade por séculos e que ainda hoje têm profundo significado. Recebeu ele no Monte Sinai, não se sabe exatamente por qual método, psicografia, escrita direta, pirografia, ou um outro qualquer, os Dez Mandamentos, os quais, mais de mil anos depois seriam reiterados pelo maior de todos os missionários do planeta:

Jesus Cristo.

1. Não fazer nem adorar imagens ou ídolos
2. Não pronunciar o nome de Deus em vão
3. Não trabalhar no Sábado
4. Honrar pai e mãe
5. Não matar
6. Não cometer adultério
7. Não roubar
8. Não prestar falso testemunho contra o próximo
9. Não desejar a mulher do próximo
10. Não desejar qualquer coisa que pertença ao próximo

É esta, e somente esta, a lei que Jesus não veio destruir, quando a ela se referiu: Não vim destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento. Aproveitou, também, a ocasião para resumi-las a uma única: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Todavia, outras leis mosaicas apresentaram um grande avanço para a época, quando obrigavam o dono de escravos a libertá-los no sétimo ano de cativeiro e a dar-lhes uma parcela da riqueza que eles haviam gerado.

Moisés foi, inegavelmente, um grande líder e um homem de vanguarda, pois estabeleceu leis que traziam em Mcdimiidade - Homens efulos que fizeram história

27

seu bojo o respeito pela vida do próximo, pela liberdade, pela dignidade, pelos bens alheios, que garantiam ao acusado justiça e ao perseguido, refúgio sagrado. Foi enérgico por exigência e justo por excelência, guardando-se, logicamente, a especificidade da época.

Toda a sua vida está descrita nos **4** livros do Pentateuco: Êxodo, Levítico, Números e Deuterônomo, cuja autoria lhe é atribuída. Segundo a tradição, ele morreu aos **120** anos de idade, sem poder adentrar a Terra Prometida, pois passara a Josué o comando do povo.

Moisés, antes de ser um gênio militar, um político hábil, um legislador excelente, foi um médium extraordinário. Era auditivo (Num. VII, **89**) e vidente, pois vê Jeová, o Espírito protetor de Israel, na sarça de Horeb e no Sinai, quando se inclina sobre a Arca da Aliança. É magnetizador poderoso, pois fulminou com potente descarga fluídica hebreus revoltados. Conta-nos os relatos bíblicos que quando ele desceu do Sinai tinha a fronte nimbada de luz, o que caracteriza uma transfiguração luminosa. Moisés mudou radicalmente o pensamento religioso de sua época, figurando na história planetária como um Espírito missionário, cujo pensamento situava-se bem a frente do seu tempo.

CRESO (século VII a. C.)

Errando na Interpretação

Na velha Grécia de tantos deuses, um deles se desta* cava por oferecer o dom de prever o futuro aos mortais. Apoio, o deus Sol, inspirou a construção de oráculos para que reis e pessoas comuns pudessem obter a graça de um conselho, de uma orientação, do conhecimento de fatos futuros.

Dos muitos oráculos gregos, notabilizou-se por suas previsões e por seus visitantes ilustres, o localizado em Delfos. A fim de consultá-lo, para lá se dirigiam nobres, solicitando orientações nos negócios, damas ansiosas sobre notícias de seus pretendentes, reis e generais interessados em guerras e saques.

Nele a sacerdotisa, cujo título era pítia ou pitonisa, depois de beber água na fonte sagrada, sentava-se junto a uma fenda no solo, de onde provinham vapores sulfurosos, à espera da manifestação de Apoio. Em determinado instante, ela pronunciava palavras desconexas que eram transformadas em hexâmetros pelos sacerdotes e passadas aos consulentes. No meio de respostas óbvias surgiam também frases dúbias, certamente uma maneira de proteger a reputação do oráculo caso a resposta não viesse a se concretizar.

Certa feita, chegou para uma consulta a esta morada de Apoio, os emissários de Creso, rei da Lídia, em cujo reinado haviam sido inventadas e cunhadas as moedas, tomando-o um dos soberanos mais ricos desse vasto mundo. Creso, segundo o historiador Heródoto, tinha pretensões de invadir a Pérsia e de se apoderar de seus imensos tesouros, então sob a guarda de Ciro, cuja inteligência trabalhava febrilmente na formação de um potente exército, após unir medas e persas em uma única nação.

Como a ambição acaba por cegar o ambicioso, que geralmente não vê os riscos a que lhe submete o vício que alimenta, Creso, eclipsado pelo brilho do ouro, não percebeu que o seu pequeno país não poderia ser páreo para o gigante que se agitava ao seu redor.

Confiante e ansioso por se apoderar da Pérsia, enviou muitos mimos para Apoio, julgando talvez, à semelhança daquele que faz longas orações e acredita que serão ouvidas pelo excesso de palavras melosas que pronuncia, que pelo peso do ouro que oferecia nada lhe poderia ser negado.

Os emissários disseram para os sacerdotes a razão da sua visita. Traziam uma pergunta: O que acontecerá se Creso declarar guerra à Pérsia? Certamente, queriam uma resposta que ajudasse o rei a tomar uma decisão que, em sua alma, já se concretizara. Qualquer estrategista militar, desde que conhecesse a realidade bélica dos envolvidos, poderia dar um parecer confiável e desfavorável a Creso, mas o seu ouro certamente forçaria Apoio a uma resposta favorável à sua pessoa. A pitonisa, após escutar a pergunta que Creso mandara fazer, demonstrando

encontrar-se em um estado de consciência alterada pronunciou: Ele vai destruir um poderoso império.

Sentindo-se o próprio escolhido pelo deus a quem consultara, Creso reuniu seu exército e partiu para a batalha, sofrendo humilhante derrota. Além de perder o reino, a riqueza, os amigos, passou a ser um simples funcionário na corte que queria destruir, oferecendo sugestões de negócios a investidores que o tratavam com gélida indiferença.

Sentindo-se traído por Apoio, e por não existir ainda um órgão de defesa do consumidor que o amparasse, enviou novo emissário com uma queixa veemente, colocando em dúvida as palavras da pítia, em quem confiara cegamente. Nas palavras de Heródoto, em seu livro História, eis a defesa do oráculo: A profecia dada por Apoio dizia que, se declarasse guerra à Pérsia, Creso destruiria um poderoso império. Ora, diante dessa resposta, se tivesse sido bem aconselhado, ele deveria ter mandado emissários fazer mais perguntas, para saber se a sacerdotisa se referia ao seu próprio império ou ao de Ciro. Mas Creso não compreendeu o que foi dito, nem fez novas perguntas. Por isso não deve culpar ninguém a não ser a si mesmo.

Como se observa, os oráculos também contribuíram para que a história das nações tivesse as linhas atuais, seja por sua sinceridade, seja por sua mistificação. Não é sem fundamento que a linguagem dos bons Espíritos é clara e sem subterfúgios, sem revelações bombásticas e futuristas, sem favoritismo. A lição dos oráculos nos lembra que a mediunidade é tão antiga quanto o homem e que o seu exercício, espontâneo e caótico na antiguidade, o que não significa sem credibilidade, mas sem ordenação, somente ganhou disciplina, educação e um pouco mais de transparência com a codificação do Espiritismo, notadamente, no lançamento de *O Livro dos Médiuns*.

A tradição dos oráculos se manifesta atualmente através das famosas madames que lêem mãos, consultam baralhos, observam com seus grandes olhos astutos as bolas de cristal que apresentam imagens só vistas por elas, queimam incenso, dizem palavras estranhas, fazem sinais cabalísticos, riscam pontos, tudo isso para que o óbvio ou o ambíguo seja relatado.

Creso pecou por excesso de confiança nas palavras da pitonisa. Ao contentar-se com o que queria ouvir, abdicou do seu senso crítico, pecado imperdoável para um comandante de exército, mas perfeitamente lógico para um ambicioso. Pena que não tivesse em mãos o capítulo XXIV de *O Livro dos Médiuns*, que trata da Identidade dos Espíritos em seus itens **267** e **268**.

Resta-nos a certeza de que toda e qualquer comunicação espírita, venha ela de Apoio ou de Afrodite, seja o médium São Verídico ou São Honestus, precisa ser analisada exaustivamente, para que tenha o cunho da originalidade pretendida. Não nos deixemos intimidar ou fascinar por nomes pomposos. Busquemos a verdade sem segundas intenções e ela, certamente, nos encontrará.

Jesus de Nazaré (ano zero)

Localizando o cardume

Jamais imaginei Jesus como um deus ou um príncipe, embora, na realidade, ele seja o Espírito mais perfeito que encarnou na Terra. Justamente por isso foi manso e humilde de coração; atendeu a todos com gestos que calavam dores e provocavam desejos de renovação espiritual, mesmo em pecadores inveterados.

Nem mesmo acredito que ele tenha nascido em Belém ou que seja da casa de Davi, pois o imagino, em minha mente, com seu berço humilde erguido em Nazaré. Sua vida transcorreu em aprendizagem pelas vizinhanças; sua personalidade marcante firmou-se, principal mente, pelas tendências e inclinações que a alma traz em suas romagens terrenas e pela pureza de Espírito que lhe era peculiar; sua sabedoria solidificou-se, ou melhor dizendo, voltou à tona, através de naturais regressões de memória, provocadas pela meditação que praticava.

Igualmente, creio que ele teve irmãos e que suas relações com eles eram conflituosas, pois não criam nele. Somente o mais velho, Tiago, tomou-se um seu auxiliar, organizando a Igreja primitiva de Jerusalém depois que o crucificaram.

Não me desagrada o pensamento de que Jesus, vivendo entre a multidão, tenha despertado o amor de uma ou mais mulheres. Todavia, devido ao seu sentimento genuinamente fraterno, à consciência de sua missão para com todos a sua volta, não se permitiu exclusividade afetiva a uma pessoa única ou a uma família em particular. Por isso tratava todas as mulheres como irmãs, desestimulando o afloramento natural dos instintos maternos, que algumas poderiam sentir junto à sua figura. É comum, devido a nossa carência afetiva, confundirmos a nobre semente do sentimento angelical que hiberna em nós e que clama por um aconchego de almas, com o sentimento bem humano que, por ora, é mais forte, ao qual chamamos de amor, e que clama por um aconchego de corpos.

Filho de um carpinteiro, e por ser bom filho, certamente, auxiliou seu pai no ofício, Jesus utilizava o seu tempo disponível em observação da natureza, em estudos nas parcas fontes que dispunha, no fortalecimento do elo já forjado com o plano superior, do qual recebia energias para a sua encarnação missionária.

Iniciando sua pregação nas vizinhanças do Mar Morto e do rio Jordão, Jesus conheceu João Batista, deixando-se por ele batizar. Quando este foi decapitado, o mestre dirigiu-se ao deserto, gesto comum aos profetas, para meditar e concluir os últimos preparativos de uma vida, até então, ligada apenas a uma pequena comunidade camponesa e pesqueira. Ao voltar, intensificou sua atuação no lago Tiberíades, onde adquiriu grande autoridade, expandindo seus ensinamentos até os limites de Gergesa, Cesareia, Tiro e Sidon.

Buscou companheiros que o auxiliaram no alargamento da Boa Nova, e dentre eles, parece ter dedicado especial atenção a Tiago e João, filhos de Zebedeu.

Jesus tinha especial apreço pelas flores, pelos pássaros, amava aquele lago, aquelas montanhas que se avolumavam diante dele. Era um amante da natureza e utilizava de seus cenários citando-os em sua metodologia de ensino. De fatos concretos extraídos da observação cotidiana, ele compunha as suas convincentes parábolas, deixando a alma do povo impregnada de doçura e de contentamento. Era difícil não amar aquele homem misterioso que curava feridas, levantava caídos, dizia coisas que todos gostavam de ouvir, porque tocavam na corda recolhida dos sentimentos. Quando ele passava pelas ruas, cercado de curiosos, de ouvintes da sua palavra e de doentes, largavam tudo quanto faziam para vê-lo, deixavam seus afazeres prediletos, subiam em árvores, telhados, tentavam mesmo imaginar onde ele estaria logo mais para um encontro frente a frente.

Jesus era portador de um magnetismo que forçava a quem quer que fosse a virar o pescoço em sua direção. Quem olhava seus olhos, que provavelmente não eram azuis, pois era judeu, sentia-se invadido docemente por ondas suaves que, removendo entulhos de paixões vulgares, encontrava a pérola brilhante de algum sentimento nobre que muitos têm, mas que parecem envergonhados de praticá-lo. Nesse detalhe, era tido como um anjo, um feiticeiro, um mágico, que transformava não apenas água em vinho, mas malfeitores em homens arrependidos. Quando ele falava, todos silenciavam ao seu redor. Era preciso filtrar, gravar, ingerir como se fora alimento, e o era para o Espírito, aquela poesia sublime, aquele punhado de palavras simples, mas que jamais alguém as ordenara naquela sequência arrebatadora.

Por suas lições desfilavam pássaros, redes, sementes, flores, tudo adocicado com o amor, esse sentimento que, finalmente, com ele, tomava-se compreensível e próximo, real e conquistável. Nas multidões ávidas de afeto devido as injustiças reinantes no mundo, cujo sentimento de orfandade tem sido o traço constante, a sua palavra caía como chuva, lavando as nódoas da alma. Os sofridos escutaram o mais convincente e consolador poema sobre liberdade e amor, que profeta algum, antes e depois dele, soube pronunciar: Felizes os pobres de espírito, porque o reino dos céus a eles pertence! Felizes os que choram, porque serão consolados! Felizes os mansos e pacíficos, porque possuirão a Terra! Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão recompensados! Felizes os misericordiosos, porque obterão misericórdia!

Quem dentre nós não chorou, sentiu-se injustiçado, necessitado de misericórdia? Jesus, conhecedor profundo da alma humana, observador atento do sofrimento do povo, leitor competente das aspirações íntimas do Espírito em suas ânsias evolutivas, colocou o bálsamo nas chagas da sociedade; atendeu aos sonhos de libertação, secretos e íntimos, muitas vezes, desconhecidos até pelos que os carregavam sob a forma de sementes, e forneceu generoso adubo que as fizeram florescer. Sob este aspecto ele foi como um jardineiro, fazendo surgir as rosas que, sem os seus cuidados, só emergiriam nos séculos vindouros.

Em tudo esse mestre, título que não recusou, esse filho do homem como a si chamava para não dizer eu, foi diferente dos outros profetas. Misturou-se ao povo, pois sentava-se à mesa com as pessoas comuns, ensinava a prática do perdão, da caridade, do desprendimento dos bens materiais, anunciando um Deus cheio de misericórdia. Certamente outros já haviam aconselhado tais atitudes, mas ninguém jamais havia falado e explicado como ele.

Jesus deu esperança ao povo sofrido, uma razão para ser bom, um ideal pelo qual valia a pena lutar e morrer, transformando-se ele mesmo no modelo a ser seguido. Um homem sem mágoas, sem ódio, carregado de bons sentimentos e boas palavras, um homem que curava a dor, era a ideia que todos tinham dele.

Todavia, ao se dizer o "Messias", ao encarnar a figura aguardada para restabelecer a supremacia dos judeus frente a Roma e talvez o mundo, não com espadas e exércitos mas com parábolas e curas, foi, de imediato, desautorizado por grande e poderosa parcela da nação. Ao proclamar que seu reino não era deste mundo, ao mostrar, ao contrário de Moisés, um Deus pai e cheio de misericórdia, ao aconselhar a retidão e a mansuetude, foi interpretado pelos homens rudes, como portador de uma mensagem corrompida, fazendo covardes no lugar de homens viris que deveriam compor a Jerusalém rebelada.

Ainda hoje não entendemos corretamente a sua mensagem, mesmo entre os de uma religião nascida das suas palavras. Todas as religiões têm suas arengas internas e suas antipatias externas. Vemos o bem, aprovamos mas não o praticamos. Estamos ainda no estágio inicial de aprendizagem, ou seja, ouvimos, achamos belo e ficamos entendidos que a prática é para mais tarde.

Jesus mudou a história do mundo tão radicalmente que a repartiu em dois períodos: antes e depois dele. Seu maior milagre, segundo Kardec, foi a mudança que ele efetuou no pensamento do planeta, iniciada em época e situação desfavoráveis: O maior milagre que Jesus operou, o que verdadeiramente atesta a sua superioridade, foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, não obstante a exiguidade dos seus meios de ação.

O que marcou profundamente a alma do povo que rodeava Jesus foi o seu exemplo, a sua conduta, rigorosamente a essência do seu discurso. O exemplo continua sendo a melhor metodologia de ensino que se conhece para formar bons ou maus cidadãos. Se um homem atinge a plenitude do amor pode mudar milhões de outros, disse Gandhi, e foi isso que aconteceu com Jesus. Surgiu pleno de amor entre nós, viveu e morreu na plenitude desse amor, jamais desperdiçando a oportunidade de praticá-lo a benefício de todos.

Muitos foram seus inimigos, mas ele, em si, não tinha inimigos, e desse modo, entrou para a história planetária como o referencial de maior credibilidade para o roteiro de *evolução das almas* aqui encarnadas.

Mas afinal, Jesus era médium? Acredito que tenha sido um dos únicos, senão o único médium perfeito que habitou entre nós. Dentre as dezenas de fatos*

mediúnicos operados por ele, lembramos aqui a chamada pesca milagrosa: ...Quando acabou *de falar*, disse a Si mão: Avança para o mar e lança as tuas redes de pescar. - Respondeu-lhe Si- mão: Mestre, trabalhamos toda a noite e nada apanhamos;

* Nota do Editor: Não *existe informação na literatura espírita* afirmando que joubi fosse médium. E as ciências parapsicológicas classificam esse fenômeno como *anímico*, ou seja, da própria *capacidade* de sua alma: clarividência.

Jesus, como espírito *puro*, extraterrestre (conquistou sua evolução em outros *mundos*), *reencarnou* na Terra como guia e *modelo* e *tinha* a faculdade de produzir diversos fenômenos por si mesmo, sem precisar ser comandado por outros Espíritos, exceto *por Deus*. Contudo, pois que mandas, lançarei a rede. - Tendo-a lançado, apanharam tão grande quantidade de peixes, que a rede se rompeu.

Certamente Jesus não materializou os peixes ou os fez surgir com um toque de mágica, ordenando-lhes que se reunissem no local por ele indicado. Ele apenas viu, com a sua visão psíquica, como via o perispírito de um doente e nele agia promovendo a cura, a existência de cardumes sob a água e aos pescadores indicou o local para o lançamento das redes. Não só por este fato Jesus foi considerado o maior dos mestres, o médico divino, o pastor das almas. Mas a sua mediunidade burilada, sendo provavelmente nele um estado natural devido a sua perfeição moral, foi uma das ferramentas que ele utilizou para se fazer acreditar e amar.

Jesus, o homem de alma camponesa, que se sentia confortável entre os simples, os pobres, os sofredores, não por desprezo aos ricos, mas devido a sua preocupação constante em servir, ensinar, e distribuir a usina de amor que parecia transbordar de si a cada instante, foi morto pela ignorância humana. Todos aqueles que são portadores de mensagens e ações nobres que implicam na renúncia, no perdão e na doçura, são agredidos por essa crassa ignorância que pouco espaço cede ao amor em nossos corações.

O homem, que com sua pureza e poesia mostrou o lado luminoso da vida e forneceu o roteiro ideal para quem quisesse adentrá-lo, morreu com apenas **33** anos de idade. Andarilho, poeta, filósofo, moralista, médico, pastor, tornou-se o amigo incondicional dos desamparados, símbolo da luta pela justiça num mundo pleno de injustiças.

O que mais lamento como aprendiz de escritor é não saber falar corretamente sobre sua alma nobre, e como aprendiz de seguidor, é não fazer quase nada do que ele gostaria que eu fizesse. Maldade? Claro que não! Fraqueza, apenas. Mesmo assim, continuo lamentando a cada vez que o nego. Quem sabe se amanhã, cansado de tanta lamentação, eu não resolva assumir de vez esta admiração que sinto por ele, e inicie a praticar pelo menos um dos seus ensinamentos? Certo, diria minha mãe, se estivesse encarnada ao meu lado. Conquanto não seja somente: venha a nós o vosso reino e perdoai as nossas dívidas, amém.

Apolônio de Tiana (Séculod.C.)

A morte do Imperador

Apolônio de Tiana foi um dos mais aplicados discípulos de Pitágoras, ensinando e vi vendando seus ensinamentos durante a sua agitada vida. Para os primeiros padres cristãos ele era apenas mais um feiticeiro que deveria ser combatido e derrotado. Para o povo que o conhecia era um homem santo, uma espéde de deus em visita a Terra em auxílio aos sofredores.

Essa era também a opinião da Imperatriz Júlia Domna, que para ter a memória do seu mestre preservada, sentiu-se na obrigação de honrá-lo com uma biografia digna da sua bondade. Em nome dessa admiração, a Imperatriz encarregou o historiador Filóstrato de escrever a história da vida de Apolônio, e para isso o escritor contou com o auxílio de Damis de Nínive, companheiro inseparável do biografado, que registrava em diários todas as suas atividades. Perfeccionista, recorreu ainda a um elevado número de cartas escritas pelo próprio Apolônio, além de testemunhos, viagens pela Grécia, Anatólia e visitas a santuários, recolhendo tradições orais.

Com o fortalecimento dos ensinamentos de Jesus, houve uma tendência de esquecimento, e até de rejeição, em alguns casos, de outros grandes mestres que o sucederam. O povo ainda não tinha a maturidade intelectual para entender que a instalação do reino de Deus sobre a Terra viria por um processo no qual grandes e pequenos mestres contribuiriam, cada qual a seu tempo, na sua época e com a sua capacidade, para a chegada daquele Messias. Daí o ataque sofrido por este missionário no sentido de rebaixá-lo a simples feiticeiro.

Antes mesmo de nascer em Tiana, na Capadócia, sua mãe sonhou com um ser iluminado, que se dizia chamar Proteus, o deus do Egito, e que encarnaria como seu filho. Quando criança, Apolônio demonstrou uma inteligência invulgar, uma memória extraordinária e uma dialética *invejável*, chamando a atenção de todos por suas virtudes superiores aos demais.

Aos 16 anos já concluíra seu aprendizado acadêmico passando a dedicar-se à filosofia que mais admirava, a pitagórica, iniciando pela dieta alimentar, excluindo de seus hábitos a carne, por ser impura e pesada para a mente, e o vinho, porque embotava o equilíbrio mental e obscurecia os fluidos da alma. Sua alimentação passou a ser frutas e vegetais. Também rejeitou os sapatos que eram usados apenas para destacar a aparência; recusou-se a usar roupas de origem animal e permitiu que seus cabelos crescessem livremente. Para completar a radical mudança, foi morar no templo de Esculápio, onde promoveu muitas curas.

Demonstrando rara pureza e austera disciplina, mesmo ali, ele advertia severamente os sacerdotes para que não aceitassem oferendas, pois elas eram dadas com a intenção de comprar o favor dos deuses. Nesse detalhe, explicava ele,

os deuses são justos e jamais se recusam a dar o que cada um merece.

Aos 20 anos, mortos seus pais, iniciou um voto de silêncio que durou 5 anos, durante os quais não pronunciou uma só palavra, aproveitando esse tempo para treinar seus olhos, ouvidos, mente e memória, na observação e captação de tudo ao seu redor. Terminado o período de silêncio iniciou viagens ensinando o que aprendera aos discípulos e ao povo, que constantemente a ele recorriam para que os livrassem de suas dores.

Ao anunciar que iria à Índia para morar com os sábios, seus discípulos mais chegados não aprovaram a decisão e o deixaram ir sozinho: Devo ir aonde a sabedoria e os deuses me conduzirem. Era o argumento que utilizava quando pretendia viajar. Chegando a Nínive, um homem resolveu segui-lo, nele reconhecendo o valor que há muito buscava. Esse homem, Damis, seguiu-o pelo resto de sua vida, a ele servindo e com ele aprendendo. Partamos daqui, Apolônio, tu seguindo a Deus e eu seguindo a ti, disse o novo aprendiz de todas as linguagens e de todos os silêncios, lições próprias daquele surpreendente mestre.

Na Babilônia, recebido com alegria pelo rei Vardan foi convidado por este para sacrificar um belo cavalo branco em homenagem ao Sol. Tomando de um punhado de incenso e lançando-o ao fogo fez sua oração: Sol, manda-me sobre a Terra até aonde for agradável a mim e a ti, e possa eu associar-me aos homens bons, mas jamais ouça nada dos maus. Dito isso preservou a vida do cavalo, dizendo estar deus satisfeito apenas com o incenso. O rei insistiu em alojá-lo em aposentos reais mas ele se recusou, hospedando-se em modesto cômodo de um funcionário. No período em que permaneceu na Babilônia atendeu o rei com conselhos judiciais, estabeleceu as bases de um governo justo, curou doentes ensinou preceitos para uma vida honesta, sem amarguras e partiu com o seu conselho final para o rei: Respeite a todos e confie em poucos.

Na Índia, Apolônio conversou com alguns homens santos sendo enviado a Larcas, um sábio que habitava um país que Alexandre não invadira por ter sido advertido pelo oráculo para não molestá-lo. Diante desse mestre, Apolônio perguntou: Vós realmente discernistes minha exata constituição? Nós, respondeu Larcas, podemos ver todos os traços espirituais, pois os pesquisamos e detectamos por uma série de sinais. Sabemos muito porque começamos por conhecer a nós mesmos, pois nenhum de nós seria admitido a esta filosofia a menos que antes conhecesse a si mesmo.

Após 4 meses absorvendo aquela sabedoria Apolônio dirigiu-se aos romanos começando por Éfeso. Daí em diante sua vida foi uma eterna peregrinação, ensinando como uma cidade poderia ser mais justa, dando lições de filosofia, curando doentes, até que resolveu ir a Roma na tentativa de ajudar Musônio de Babilônia, um filósofo preso pelos soldados de Nero. Ao visitar templos e suscitar uma efervescência espiritual em Roma, foi logo aprisionado sob a acusação de ser inimigo de Nero. Quando Tigelino, chefe da guarda de Nero, desenrolou o

pergaminho para ler a sentença condenatória, encontrou-o em branco, sendo obrigado a soltá-lo.

Apolônio passou a incentivar o povo a que resistisse a Nero, a criticar sacerdotes que não se preparavam devidamente para a alta missão que deveriam desempenhar e, até mesmo mandou parar uma procissão fúnebre ordenando a uma morta que se levantasse. Como era médium de vidência clara, deve ter identificado o perispírito unido ao corpo da defunta, não permitindo que a catalepsia levasse mais uma vida para o túmulo. Tais fatos o tomavam cada vez mais famoso e admirado.

Vespasiano, enviado por Nero para abafar a revolta judia na Palestina, deslocou-se até Alexandria com a finalidade de consultá-lo. Encontrando-o pediu: torna-me rei. Já o fiz, disse Apolônio, pois proferi uma prece por um rei que fosse justo e moderado. Posteriormente, Vespasiano foi declarado Imperador em Alexandria. Sucedeu-lhe Tito, seu filho, que governou apenas 2 anos, sendo substituído por Tito Flávio Domiciano, o perseguidor de Apolônio e de seus amigos.

O sábio foi preso, mas utilizando-se de seus poderes, libertou-se das correntes e fugiu, não sem antes aconselhar a todos os prisioneiros, conseguindo encorajá-los para os embates futuros. Instalando-se na Grécia, na manhã do dia 16 de setembro de 96 d. C. estava falando a uma multidão quando, de repente, exclama: Vejo que o Imperador que nos perseguia e que nos queria preso está sendo assassinado. O homem que nos ameaça tem seu sangue derramado e não mais cometerá injustiças contra inocentes. E voltando-se para a multidão disse: Senhores, acabo de assistir a morte de Tito Flávio Domiciano. O tirano que nos oprimia acaba de morrer.

Passadas 2 semanas chegaram as galeras romanas com suas águias imponentes dando conta de que, naquele dia e hora, fora assassinado em Roma, o imperador Domiciano, conforme havia descrito Apolônio de Tiana.

Segundo Damis, o amigo que o seguiu a vida inteira e testemunhou os fatos da vida de Apolônio, ele não era apenas abençoado pelos deuses, era um deles, pois nenhum ser humano seria capaz de fazer os prodígios que ele fazia. Sabia prever o futuro, curar doenças, tomar-se invisível se o quisesse, expulsar demônios, falar todas as línguas, e, sobretudo, praticar a bondade para com todos.

Ao aconselhar reis, formar sábios, viajar disseminando sabedoria, incentivar a luta homens que se julgavam frágeis e sozinhos, e por tantas coisas incompreensíveis ao nosso entendimento, Apolônio tem o seu lugar reservado na história da mediunidade e do mundo.

Dante Alighieri (1265 -1321) o sonho revelador

Dante Alighieri, nascido na Itália, é considerado um dos maiores poetas de

todos os tempos, bem como o pai da língua italiana. A paternidade a ele atribuída não tem origem apenas na sua poesia refinada, mas, sobretudo, nas ideias que expôs sobre a língua italiana em obras como *O Banquete* e *De Vulgari Eloquentia*.

A sua principal obra, *A Divina Comédia*, que retrata uma visita imaginária ao mundo espiritual, descrevendo com detalhes o céu, o purgatório e o inferno, é uma pérola da literatura universal tomada eterna pela avidez das gerações que a buscaram como alimento para o Espírito.

Vale ressaltar que Dante intitulou sua obra de Comédia, mas um editor, mais de dois séculos depois de sua morte, admirado com a beleza da mesma, acrescentou o adjetivo divina, fazendo justiça à grandiosidade do poeta. O apelo da obra, moralizador por excelência, conclama a todos ao conhecimento da alma, de suas fraquezas, superando através do esforço próprio a parte inferior nela contida para tornar-se digna da sociedade. É um convite à paz entre os homens, independente de suas bandeiras e brasões.

O ambiente em que o poeta viveu parte de sua vida, Florença, sofria radical mudança com o surgimento de mercadores bem sucedidos que iam aos poucos tomando os lugares ocupados pela nobreza. Quando ele contava apenas 9 anos de idade aconteceu um fato marcante em sua vida que viria a torná-lo um homem preso ao passado, a um sonho de felicidade não alcançado, mas que lhe faria bem recordar. Este sonho chamava-se Beatriz, uma menina bela e tímida que, segundo ele, não parecia filha de um homem, mas de um deus.

Passou a amá-la à distância, em segredo, dedicando-lhe posteriormente seus mais belos poemas. Beatriz casou-se com outro, morrendo aos vinte e cinco anos de idade, mas permaneceu viva no coração do poeta que não tinha vergonha em confessar: mesmo casado, Beatriz continua sendo o meu amor espiritual. O local mais confortável visitado por ele em sua imaginação para compor sua obra, o céu, tem Beatriz como guia. Essa fidelidade de Dante ao seu amor, bem caracteriza os traços do seu caráter: vontade firme e vigorosa, definido em seus objetivos, persistente em seus ideais.

Participante da nova classe social emergente, o poeta foi escolhido várias vezes para exercer cargos públicos até que, durante o desempenho de uma missão junto ao Papa Bonifácio VIII, homem insensível e interesseiro que cerceou a liberdade na terra do poeta, veio a saber que os partidários deste haviam saqueado a sua casa e proibido inimigos o condenaram à morte na fogueira, caso entrasse na cidade.

Foi em Ravena, exilado e cercado pelo amor que seus amigos lhe devotavam, que Dante dividiu a sua *Comédia* em três livros subdivididos em cem cantos. A jornada ao mundo espiritual realiza-se no ano de 1300 e dura uma semana. Através do inferno, Dante é guiado pelo poeta que mais admirava, Virgílio. Muitas das personagens encontradas no inferno foram homens conhecidos de Dante, enquanto encarnados, e que não souberam administrar seus sentimentos agindo maldosamente contra seus irmãos. Escorregando pelo corpo peludo do demônio e

entrando em um túnel, o poeta atinge o purgatório. Descrito este e o céu, do pico do monte do purgatório, onde está situado o jardim do Éden, Dante em companhia de sua amada Beatriz, eleva-se ao céu, onde ela o deixa, considerando cumprida a sua missão.

Pouco tempo depois de concluir a sua obra monumental, Dante morre, deixando para as universidades italianas e para as religiões, a certeza de que o homem, quando morre, tem um destino fixado através de suas realizações em vida. Ao ligar o inferno aos que agiam com injustiça, corrupção e tirania, colocou a ética e a moral como norteadoras dos destinos humanos, ou seja, uma bússola e um passaporte para o céu.

Enquanto o poeta ainda estava encarnado, e quase sempre quando isso ocorre já é tarde demais, Florença notou que perdera o seu filho mais ilustre, correndo a conceder-lhe o perdão, quando, na realidade, deveria pedi-lo. Conceder o perdão a quem foi ofendido é antes um ato de orgulho de quem não admite ter errado, de quem está a anos-luz de distância da humildade, e tal atitude sempre causou náuseas em Dante. Logicamente ele recusou o perdão com a altivez que lhe era quase rude.

Posteriormente, os florentinos reclamaram seus restos mortais por muitas vezes, utilizando de suas melosas desculpas, inclusive a de que haviam construído para abrigá-los um túmulo digno de um rei na Igreja de Santa Cruz. O povo de Ravena, que o acolhera e abrigara, tinha sempre engatilhada diante desses lacrimosos pedidos, uma frase de excepcional força moral e de diamantino poder de convencimento: não admitimos que um povo que não quis Dante vivo venha a recebê-lo morto.

A popularidade de Dante que se espalhou pela Europa através do folheto político *Da Monarquia*, levava consigo as críticas que ele fazia contra a falta de união entre o Imperador e o Papa, cada um querendo exercer os dois domínios simultaneamente, o poder temporal e o espiritual, quando deveriam trabalhar honestamente pelo bem do povo. O poeta, como homem de vanguarda, antecipou-se também nesse detalhe que mais tarde se tomaria realidade, a separação da Igreja do Estado.

Para escrever sua obra imortal Dante levou vinte anos, divulgando suas parcelas logo que as concluía, e tanto realismo colocou nelas que muitos consideravam as descrições verídicas. Hoje, somente na Itália, existem aproximadamente vinte edições ao alcance de todos nas livrarias, com um total de oitenta mil exemplares vendidos por ano. O nome do poeta está immortalizado como um gênio da literatura universal e, o que é realmente importante, tem o respeito, a admiração e o amor de todos os habitantes que o conhecem neste pontinho azul perdido em meio as estrelas.

Quando Dante desencarnou em **1321** deixou seus filhos Jacopo e Pietro sem saberem o local exato onde colocara os originais da sua obra, fato que a tomara

incompleta, pois desconheciam os admiráveis *Cantos do Céu*, onde ele, acompanhado de sua amada Beatriz, descreve as alegrias sem jaça dos justos.

Certa noite, conta-nos Boccacio, quando Jacopo dormia, sonhou que seu pai surgia à sua frente e o levava até a casa onde desencarnara com o objetivo de revelar o local exato onde estavam os originais da obra: Ali, por trás dessa peça de tapeçaria há um nicho de madeira. É lá que se encontram os *Cantos do Céu*.

Jacopo despertou com a imagem do pai nítida em sua mente, gravou suas palavras e pela manhã foi à casa do advogado testamentário onde tudo relatou, indo ambos ao local indicado. Lá tudo foi constatado com admirável precisão.

Não há como negar a interferência de Dante, em Espírito, para que a sua obra fosse restaurada em sua inteireza. Sendo um dos precursores do Espiritismo, pois todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para que os ensinamentos espíritas aos poucos se firmassem no pensamento coletivo são vanguardeiros do Espiritismo, deixou ao lado do detalhamento da lei de causa e efeito, a prática de uma lição doutrinária, a comunicação entre encarnados e desencarnados enquanto aqueles dormem.

Editar aquela obra era uma missão sua, razão pela qual, mesmo após ter desencarnado, sentiu-se na responsabilidade de interferir no mundo dos encarnados, a fim de restabelecer a ordem natural dos acontecimentos. Com isso deu-nos a lição de que não há mundos isolados, mas mundos irmanados. E que Deus nos tome cada vez mais irmãos.

N.A. Parte do texto sobre Dante e Swedenborg foram extraídos do livro *Os semeadores da verdade*, do mesmo autor.

Joana D'Arc (1412 -1431)

Preparando o Iluminismo

Joana D'Arc foi uma camponesa de origem humilde, analfabeta, que começou a ouvir vozes dos Espíritos por volta dos **12** anos de idade. Em sua primeira visão, pois além de audiente era também vidente, destacaram-se à sua frente as figuras de São Miguel, Santa Catarina de Alexandria e Santa Margarida de Antioquia, ocasião em que lhe fizeram o pedido para que participasse da libertação da França do jugo inglês.

Joana, diante desse fato, não vacilou em procurar as autoridades locais, que lhe forneceram uma pequena escolta com destino a Chinon, local onde se encontrava o futuro rei da França, Carlos VII. Este, para testar os poderes da jovem e confundi-la quanto a sua identificação, decidiu utilizar um disfarce, deixando que outra pessoa a recebesse em seu lugar, o que se tomou inútil, pois Joana o reconheceu sem nunca tê-lo visto antes.

Para adquirir credibilidade em seus argumentos, a médium revelou ao futuro

rei, um segredo conhecido apenas por ele e por Deus, único meio que ela encontrou para convencê-lo. Depois, encontrando-se em Tours, ouviu de suas vozes que existia na Igreja de Santa Catarina, enterrada a uma certa profundidade, perto do altar, uma espada enferrujada e marcada com **5** cruces. Esta espada foi encontrada e, mais tarde, seus acusadores usaram este fato para mais incriminá-la.

Admitida como militar, com o título de "chefe de guerra", recebeu uma armadura de ferro polido e uma espada, ordenando que fizessem um estandarte branco, bordado de flores de lis, onde se destacava a figura do Redentor. Assim vestida, e guiada por suas vozes, partiu para a luta com a missão de levantar o cerco que os ingleses haviam imposto a Orleans.

Joana sabia que por pouco tempo lutaria pela França, por isso estava sempre com pressa de fazer o melhor que pudesse. Ela mesma ouvira das vozes a revelação de que só viveria pouco mais *de um ano* e que, nesse tempo, deveria *realizar* uma grande obra.

Orleans foi libertada sob o seu comando e naquele mesmo ano, 1429, os franceses derrotaram os ingleses na batalha de Patay. Todavia, a jovem não considerava a sua missão terminada. Ela desejava que o coroamento do rei fosse em Reims, como impunha a tradição. Igualmente, era seu desejo retomar Paris e oferecê-la liberta aos seus verdadeiros donos, os franceses. A primeira parte do seu plano, o coroamento do rei, tomou-se possível após longa viagem, passando, inclusive, por dentro do território inimigo.

A tentativa do exército francês de retomar a cidade ainda em **1429** redundou em fracasso e o soberano ordenou que seus soldados voltassem para o Vale do Loire. Seguiu-se uma pausa na luta, na qual Joana se sentia desconfortável, pois nunca se conformara com a interrupção das operações militares, nem com as tentativas de negociações visando uma paz humilhante. Sua pressa em expulsar os ingleses só era menor que sua fé nas vozes.

Assim, no ano seguinte ela partiu para Compiéne à frente de uma pequena tropa. Em uma das batalhas que empreendeu na tentativa de libertar uma ponte ocupada pelos inimigos, caiu prisioneira e foi entregue a João Luxemburgo, comandante da tropa borgonhesa. Este a enviou aos ingleses que a submeteram ao julgamento da Igreja. Nas **15** sessões a que foi submetida, Joana deixou de responder a muitas questões devido a firme convicção que mantinha sobre serem inquestionáveis as visões e as vozes a ela dirigidas.

Reconhecida como adversária que dificilmente se dobraria ante a erudição dos seus juizes, a corte tentou repetidas vezes fazê-la cair em contradição através de armadilhas verbais e de perguntas dúbias. Em uma das sessões, Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, dirigiu à prisioneira a seguinte pergunta: São Miguel te aparece desnudo? Prontamente ela responde com outra indagação, tão profunda e sutil, que desconcertou seus algozes: Pensas que Deus não tem com que vesti-lo? De outra

feita lhe foi perguntado: Você está na graça de Deus? O ardil fora lançado à maneira do que dirigiram a Jesus com a intenção de prejudicá-lo: É lícito pagar imposto a César? O sim, deixaria Jesus em confronto com os judeus. O não, o poria contra os romanos. Da mesma maneira, o sim, de Joana caracterizaria, segundo os conceitos religiosos da época, presunção. O não, seria uma confissão de culpa. Surpreendentemente, Joana respondeu: Se não estou, que Deus nela me aceite; se estou, que Deus nela me conserve.

Joana, em nenhum momento admitiu ter cometido heresias, sustentando que tudo fizera por vontade divina. Mesmo assim, condenaram-na à morte. Pouco tempo depois, deceparam-lhe os cabelos, puseram-lhe uma túnica e lhe colocaram sobre a cabeça uma mitra de papel com as palavras: Herege, pecadora, apóstata, idolatra. Levaram-na, então, a uma praça repleta de curiosos e atearam fogo ao seu corpo.

Nesse momento extremo da sua vida ela ainda teve a lucidez para pedir uma cruz, no que ocorreu um soldado com uma improvisação feita de gravetos. Enquanto as chamas subiam, Joana gritava e orava. Por fim deu seu último brado: Jesus.

Conta-se que um dos soldados, lançando-se contra a multidão, gritou: Estamos perdidos! Queimamos uma santa!

Posteriormente, a igreja que a condenou e a qual ela sempre fora fiel declarou-a inocente do crime que a condenaram. O papa Calixto III, em **1456**, por uma comissão eclesiástica a reabilitou, declarando que ela morreria como mártir para a defesa de sua religião, de sua pátria e de seu rei. Em **1920** ela foi canonizada na Basílica de São Pedro, em Roma. **5** séculos já passaram, no entanto, houve quem soubesse e desse testemunho de sua santidade.

Pierre Cauchon, o bispo que a condenara, morreu subitamente em **1443**, ao fazer a barba. Como era grande a antipatia que nutriam contra ele devido à morte de Joana, ele foi excomungado, teve seu corpo desenterrado e lançado num monturo.

Ainda hoje os fenômenos mediúnicos apresentados por Joana não são reconhecidos pelos historiadores. A vidência, a audiência e a premonição tão comuns em sua vida, desde a infância, são negadas em sua íntegra a fim de anular ou de não discutir a intervenção dos Espíritos no plano material. Conta-nos Chico Xavier, que ouvira de seus guias espirituais: Joana teve a missão de salvaguardar a França em tão delicado momento histórico, para que as pessoas que haviam sido selecionadas e estavam sendo preparadas para receber os Espíritos responsáveis pelo Iluminismo, movimento libertador que faria florescer a filosofia das luzes na França, não se dispersassem, o que seria um real prejuízo para o progresso do planeta.

Certamente ela desconhecia esta face da sua missão. Ainda hoje muitos não atentam para o fato de que os Espíritos, de tempos em tempos, interferem nos

acontecimentos humanos favorecendo o surgimento de novas ideias, revoluções e descobertas, em obediência à lei do progresso.

Em **1990**, em reunião anual da Academia Americana de Neurologia, as pesquisadoras Lydia Bayne e Elizabeth Foote-Smith, da Universidade da Califórnia, concluíram que todos os fenômenos ditos paranormais atribuídos a Joana tinham causa em uma forma rara de epilepsia. Segundo essas pesquisadoras, a raridade por elas detectadas na heroína francesa, no lugar de provocar convulsões, manifestava-se através de delírios e alucinações. Para dar uma maior validade e destaque à doença, deram-lhe o adjetivo de complexa. Apoplexia Parcial Complexa, é o seu pomposo nome.

Pelo que se sabe essa doença não é nova, de vez que já foi detectada, igualmente, em Chico Xavier, quando psiquiatras paulistas, obtendo e examinando um eletroencefalograma de Chico Xavier, consideraram-no epilético. Ocorre que o eletro analisado registrara a atuação do Chico em trabalho mediúnico, ou seja, sob a interferência de uma outra mente, ocasião em que ele recebia uma mensagem psicografada, fato que sempre provocava em seu cérebro algumas alterações. Os gráficos obtidos do cérebro do Chico em estado normal, ou seja, fora do transe mediúnico, jamais acusaram as tais alterações.

Essa experiência foi feita pelo Dr. Elias Barbosa, médico de Chico Xavier e a sua conclusão, aliás lógica, foi a seguinte: No caso de Chico Xavier verificou-se a interferência, no cérebro, de influências estranhas ao seu estado normal, por ocasião do transe mediúnico.

Não se tratava, pois, segundo o médico que realizou a pesquisa, de uma alteração patológica, de vez que esta jamais se confirmara por sintomatologia típica nem pelo comportamento mental e psicológico do paciente. As reações fisiológicas do Chico confirmam, em termos de pesquisa, a sua paranormalidade espontânea, exaustivamente comprovada. Ao que tudo indica, conclui o médico: o foco crítico que alguns podem interpretar como um sintoma patológico, nada mais seria do que o ponto de ligação entre as forças da entidade comunicante e as forças do aparelho receptor, ou, por outro lado, como afirmou o professor Bozzano: a ação de uma mente não-encamada sobre a mente encarnada do médium.

A Revista Espírita de **1858**, traz interessante relato sobre uma obra intitulada *A Vida de Joana D'Arc* (ditada por ela mesma) sobre a qual Kardec faz as seguintes considerações sobre a médium que a recebeu: Aos que poderiam crer que a senhorita Dufaux inspirou-se em conhecimentos pessoais, respondemos que ela escreveu o livro na idade de **14** anos; que sua instrução era a das meninas de família decente, educadas com cuidado, mas, ainda quando tivesse uma memória fenomenal, não seria nos livros clássicos que iria encontrar documentos íntimos, dificilmente encontrados nos arquivos da época.

O fenômeno Joana D'arc ainda hoje intriga historiadores, neurologistas e psiquiatras, que não entendem como uma jovem nascida no campo, analfabeta,

tomou-se uma guerreira, "chefe de guerra" aos **17** anos, algo incompatível com a sua época e idade. Foi considerada heroína por uns, demônio por outros e terminou na condição de santa. Para os que adoram complicar os fatos, que não acreditam na intervenção dos Espíritos nos acontecimentos dos povos, que se obstinam em negar a atuação dos desencarnados no progresso do mundo, diria apenas: coisas da mediunidade.

Emmanuel Swedenborg (1688-1772) Incêndio em Estocolmo

Swedenborg foi considerado um dos precursores do Espiritismo, constando seu nome na relação citada pelos Espíritos coordenadores do movimento como um dos ilustres colaboradores na elaboração desse possante "abrigo da alma".

Nascido na Suécia e educado pelos mais conceituados professores da sua pátria, seguiu posteriormente para Londres onde faleceu aos **84** anos de idade, sendo **27** deles dedicados ao estudo e a divulgação de sua doutrina, um emaranhado de teorias nem sempre verdadeiras, mas que, sem dúvida, preparou o terreno para o surgimento do Espiritismo.

Swedenborg destacou-se em todas as ciências, sobretudo, na Teologia, na Mecânica, na Física e na Metalurgia, sendo, inclusive, nomeado por Carlos XII, assessor da Escola de Metalurgia de Estocolmo. Se o rei deu-lhe uma cátedra, a rainha o fez nobre, fato que lhe abriu as portas para os mais destacados cargos até o ano de **1743**, época da sua primeira visão espiritual. A partir de então, viveu exclusivamente para escrever sobre o que lhe era mostrado no mundo dos Espíritos.

Certa noite, estava ele em Londres quando, após farta refeição, percebeu que uma espécie de névoa se movia pelo quarto. Quando a nuvem dissipou-se ele teve uma visão aterradora. O assoalho do seu quarto estava repleto de répteis horríveis. Serpentes, sapos e lagartos pareciam ameaçá-lo, ocasião em que o ambiente foi tomado por trevas. Destas surgiu um homem envolto por uma luz que o advertiu: não comas tanto! Posteriormente, falaria dessa espécie de vapor que exalava dos poros do seu corpo (ectoplasma), o que nos permite caracterizá-lo também como médium de efeitos físicos.

Na segunda noite as visões voltaram. Eis como ele as descreve: Na noite seguinte, o mesmo homem, ainda radiante de luz, apresentou-se e me disse: Eu sou Deus, o Senhor, Criador e Redentor. Escolhi-te para explicar aos homens o sentido interior e espiritual da Sagrada Escritura. Ditarei o que deves escrever. ... Naquela mesma noite os olhos do meu homem interior foram abertos e dispostos

para ver o céu, o mundo dos Espíritos e os infernos, e eu encontrei por toda parte várias pessoas do meu conhecimento, algumas mortas há muito tempo, outras recentemente. ...Muitas vezes me aconteceu, a seguir, ter abertos os olhos de meu Espírito e ver, em pleno dia, aquilo que se passava no outro mundo, falar aos anjos e aos Espíritos como falo aos homens.

A doutrina de Swedenborg trata o mundo espiritual e o mundo material como elementos interligados formando uma unidade da qual resultam as correspondências. Assim como na Matemática tem-se a função bijetora que a cada elemento do domínio faz corresponder um outro do contradomínio, tais relações poderiam ser estabelecidas entre elementos do mundo material e do mundo espiritual/ num complicado e, muitas vezes, ilógico desdobramento, onde até mesmo os mais sábios estudiosos dos seus escritos tinham dificuldades em compreender a natureza dessas relações. Vejamos algumas correspondências:

A Terra corresponde ao homem. Os diversos produtos que servem à nutrição do homem correspondem a diversos gêneros de bens e de verdades, a saber: os alimentos sólidos a gêneros de bens, e os alimentos líquidos a gêneros de verdades. A casa corresponde à vontade e ao entendimento, que constitui o mental humano. Os alimentos correspondem às verdades ou às falsidades segundo a substância, a cor e a forma que apresentam. Os animais correspondem às afeições; os úteis e mansos às boas afeições; os nocivos e maus às afeições más; os pássaros mansos e belos às verdades intelectuais; os maus e feios às falsidades; os peixes, às ciências que se originam das coisas sensoriais; os insetos nocivos, às falsidades que vêm dos sentidos.... Assim, desde os últimos degraus da criação até o sol celeste e espiritual, tudo se mantém, tudo se encadeia pelo influxo que produz a correspondência.

Um outro ponto basilar de sua doutrina afirma a existência de um único Deus e de uma só pessoa que o representa, Jesus Cristo. Apelemos à Revista Espírita do ano de **1859**, em estudo que antecede a comunicação de Swedenborg, prometida na sessão de **16** de setembro do mesmo ano, para que se aprofunde este lado da questão:

O homem, criado livre, segundo Swedenborg, abusou de sua liberdade e de sua razão. Caiu. Mas sua queda tinha sido prevista por Deus e devia ser seguida da reabilitação; porque Deus, que é o amor mesmo, não podia deixá-lo no estado em que sua queda o havia mergulhado. Ora, como operar tal reabilitação? Colocá-lo no estado primitivo seria o mesmo que lhe tirar o livre-arbítrio e, assim, aniquilá-lo. Foi subordinando-o às leis de sua ordem eterna que Ele procedeu à reabilitação do gênero humano. Vem a seguir uma teoria muito difusa dos três sóis transpostos por Jeová, para se aproximar de nós e provar que ele é o próprio homem.

Acerca desse vidente escreveu Herculano Pires: Tendo sido um dos homens mais cultos da sua época, dotado de grande inteligência e de mediunidade polimorfa, esse vidente sueco antecipou de maneira confusa a elaboração da

Doutrina dos Espíritos.

Ao contrário de Kardec, que começou pela observação científica dos fenômenos mediúnicos, Swedenborg se inicia como um antigo profeta, recebendo uma revelação divina. ... A atitude profética de Swedenborg é indiscutível. Diante dos fenômenos, esse homem extraordinário, dotado de vastos conhecimentos ... não se colocava em posição de crítica e observação, mas de passiva aceitação. Considera-se eleito para uma missão espiritual, senhor de uma revelação pessoal, e portanto incumbido, como Moisés ou Maomé, de ensinar enfática e dogmaticamente o que lhe era revelado. Atitude completamente diversa da assumida por Kardec, que não se julgava um profeta, mas um pesquisador, um rigoroso observador dos fatos, dos quais devia racionalmente deduzir necessária interpretação.

... O que faz de Swedenborg um precursor doutrinário do Espiritismo é a sua posição em face do mundo espiritual, que ele considera de maneira quase positiva. Após a morte os homens vão para esse mundo, e não julgados por tribunais, mas por uma lei que determina as condições em que passarão a viver, em planos superiores ou inferiores, nas diferentes esferas da espiritualidade. Anjos e demônios nada mais eram, para ele, do que seres humanos desencarnados, em diferentes fases de evolução. Suas descrições do mundo espiritual assemelham-se bastante às que encontramos nas comunicações dadas a Kardec ou recebidas atualmente pelos nossos médiuns. O inferno não era lugar de castigo eterno, mas plano inferior, do qual os Espíritos podiam subir para os mais elevados, purificando-se.

Swedenborg, como se pode deduzir do que foi exposto, apesar de ser um sábio respeitado em sua época, elaborou sua obra com base teológica, ou seja, centrada nas revelações advindas das visões que lhe eram apresentadas. Como a revelação com base teológica não admite contestação, o médium deu a sua obra um caráter de infalibilidade, deixando-a e deixando-se à margem das exigências científicas.

Apesar da incontestável contribuição desse sábio, podemos atribuir-lhe, com todos os atenuantes a que tem direito, algumas falhas relacionadas à falta de senso crítico para com as visões e mensagens que lhe eram passadas. Herculano Pires encerra o seu comentário acerca da atuação de Swedenborg com a seguinte conclusão: Uma importante lição devemos tirar, entretanto, da vida e da obra de Swedenborg: a de que o Espiritismo está certo ao condenar a formulação de teorias pessoais pelos videntes, e encarecer a necessidade de metodologia científica, para verificação da verdade espiritual. Swedenborg foi o último dos reveladores pessoais, e abriu perspectivas para a nova era, que devia surgir com Kardec. Não é a sua interpretação dos fatos o que vale em sua obra, mas os próprios fatos, posteriormente confirmados pela observação e a experimentação espíricas, oferecendo ao homem uma concepção nova da vida presente e da vida futura.

No primeiro sábado de **1756**, estava este mestre sendo homenageado através de um jantar pelos inúmeros serviços prestados ao seu país quando, subitamente, levanta-se, afasta-se um pouco do reboiço dos amigos e fica admirando um ponto invisível no céu. Curiosos com o acontecido e com a demora do amigo acorreram em sua direção, quando dele escutaram um comentário detalhado sobre um incêndio que devorava Estocolmo: Vejo a cidade de Estocolmo ser devorada pelas chamas. Ouço os gritos da multidão, sinto seu desespero; em meio às chamas desabam pardieiros, vidas são ceifadas, a cidade está sendo consumida pelo fogaRéu.

Durante aproximadamente **2** horas, Swedenbog narrou as cenas que se passavam a quase **1000** quilômetros de distância, causando espanto a tantos que o ouviam. Posteriormente, chegaram as notícias do imenso incêndio que arrasara a cidade aludida, confirmando a notável visão à distância desse cientista.

O fato mediúnico em questão, a vidência, cuja duração atingiu quase **2** horas, nos chama a atenção para o fator tempo, que durante a ocorrência do transe mediúnico, pode variar entre simples segundos até, a depender das condições evolutivas do Espírito, não sofrer interrupção por ser a sua condição natural. Não que ele viva eternamente sob um transe mediúnico, mas por ter conquistado através de seu esforço a condição de, naturalmente, ver à distância. Com a evolução do Espírito, o que é condição excepcional em sua fase inicial de aprendizagem passa a ser natural em estágio superior.

Naturalmente isso tem a ver com a nossa origem, ou seja, fomos criados à semelhança de Deus. Resumindo: somos se mi-deuses.

Santo Afonso de Liguori (1696 - 1787) ! Em dois lugares ao mesmo tempo

Afonso Maria Antônio João Cosme Damião Miguel Gaspar de Liguori nasceu em Marinella, próximo de Nápolis, sendo o filho mais velho dos sete que seus pais tiveram. Seu pai o fazia praticar cravo três horas por dia, fato que o tornou, aos treze anos, um exímio instrumentista. Sua recreação se resumia em cavalgar e praticar esgrima, recusando a pistola sob a alegação de que não tinha vocação para o tiro.

Na mocidade participou de óperas, tarefa muito apreciada por sua alma sensível e amante da paz. Por seu esforço e disciplina nos estudos, aos dezesseis anos formou-se em Direito, quatro anos antes da idade normal para os pretendentes da época. Aos dezenove anos, após três anos de estudos para exames da Ordem dos Advogados, iniciou sua vida profissional, atuando junto à corte. Durante os oito anos seguintes dedicou-se com afinco à arte da defesa e da

contestação sem jamais perder uma causa, granjeando admiração e respeito por sua argumentação.

Todavia, em **1723**, ao defender uma disputa entre um nobre napolitano e o Grão Duque de Toscana, após discurso impecável, teve uma surpresa decepcionante. Dera a um documento que lera e relera uma interpretação errônea, diferente da que foi apresentada pelo seu oponente, no tribunal, fato que o levou à derrota.

Decepcionado consigo mesmo isolou-se durante três dias, recusando alimentação e companhia, extraíndo do desagradável acontecimento a seguinte lição: Deus quer que eu seja menos orgulhoso e me afaste do mundo profano para servi-lo. Desligou-se, então, do meio em que vivia e passou a visitar doentes terminais, consolando-os e proporcionando-lhes uma morte mais digna.

Durante uma visita ao Hospital dos Incuráveis, subitamente se viu rodeado por uma luz suave, escutando, na ocasião, uma voz que o convocava à luta espiritual: Dá-me de ti mesmo. A partir de então ele resolveu entrar para o corpo eclesiástico e, na condição de padre, decidiu-se pelo amparo aos mais sofredores, aos doentes incuráveis, aos condenados à força e aos abandonados pela sociedade.

Para uma população de aproximadamente quarenta mil malinalizados em Nápoles, ele passou a realizar capelas noturnas, reunindo o povo nas ruas e praças a fim de ministrar as lições do Evangelho. Preocupando-se mais em oferecer alívio que criticar os pecados, em encaminhar para o bem, que lamentar o mal praticado, resolveu fundar uma congregação a qual chamou de Redentorista, para que, através dela, pudesse auxiliar os pobres mais pobres, convivendo com eles no próprio ambiente em que residiam.

Escritor fecundo, de suas mãos saíram **113** obras, distribuídas entre teológicas, ascéticas, místicas e pastorais que chegaram a atingir **60** edições. Deixou, igualmente, **1700** cartas, além de poesias, músicas e pinturas. Fez-se professor para alfabetizar os companheiros de trabalho e, na condição de pedreiro, auxiliou na construção da casa de retidos da Congregação.

Portador de uma enfermidade que muito o maltratava, por oito vezes esteve prestes a desencarnar, até que no período, de maio de **1768** a junho de **1769**, seu corpo paralisou em definitivo, passando a alimentar-se através de tubos, assim permanecendo até a sua desencarnação, que ocorreu em **1787** aos **91** anos de idade.

Quarenta e nove anos após, a Igreja o declarou Santo, conferindo-lhe o real valor espiritual já reconhecido pela comunidade a que serviu.

Todavia, a sua canonização apressada não se deve à caridade que ele praticou em favor dos desvalidos, mas, por ele ter sido visto em dois lugares diferentes simultaneamente, sendo este fato interpretado como milagre. Aqui o fato científico, tomado como milagre, sobrepôs-se ao fato moral, como se a bondade valesse menos que o fenômeno. Afonso, após passar cinco dias jejuando em Arezzo, despertou pela manhã afirmando que estivera junto ao papa Clemente XIV

assistindo-o em sua agonia final. Posteriormente, chegaram os agradecimentos em nome do Vaticano.

Evocado e interrogado pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, respondeu às seguintes questões sobre o acontecido. Vale lembrar que Kardec só evocava um Espírito com a aprovação do guia da Sociedade, São Luiz, que teve um trabalho assíduo e profundo na elaboração da proposta espírita.

— Poderias dar-nos a explicação desse fenômeno?

— Sim. Quando o homem se desmaterializou completamente por sua virtude, tendo elevado a sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, sentindo chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar a algum lugar. Seu Espírito ou sua alma, como quiseses, abandona então o corpo, seguido de uma porção do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado vizinho da morte. Digo vizinho da morte porque o corpo permanece ligado ao perispírito e a alma à matéria, por um liame que não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar pedido. Creio que é tudo o que desejas saber.

— Isso nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

— Estando desligado da matéria, segundo o seu grau de elevação, o Espírito pode se tomar tangível à matéria.

— É indispensável o sono do corpo para o aparecimento do Espírito em outros lugares?

— A alma pode se dividir* quando se deixa levar para longe do corpo. Pode ser que o corpo não durma, embora seja isso muito raro, mas então não estará em perfeita normalidade. Estará sempre mais ou menos em êxtase.

— Estando um homem mergulhado no sono, enquanto seu Espírito aparece ao longe, o que aconteceria se fosse subitamente despertado?

— Isso não aconteceria, pois se alguém tivesse a intenção de acordá-lo o Espírito voltaria ao corpo antecipando a intenção, pois o Espírito lê o pensamento.

* Nota do Autor: A alma não se divide, no sentido literal da palavra. Ela irradia em várias direções e pode assim manifestar-se em vários lugares, sem se fragmentar. L o mesmo que se dá com a luz ao refletir-se em muitos espelhos.

Conforme se observa no relato acima, Afonso foi apenas um homem. Um Espírito forte, culto, bondoso, em fase de superação dos problemas humanos que afligem esse planeta de prova e de expiações. A piedade para com os sofredores atesta a sua superioridade frente aos demais, pois se um homem é maior que outro, o é pelo Espírito mais puro que nele habita. A sua participação na codificação espírita se deu devido à evocação feita a seu Espírito, na qual respondeu sobre o fenômeno do qual participou, a desencarnação de uma figura importante na história religiosa do planeta. Mas a sua participação na história do mundo teve a finalidade de, como um cometa que volta a cada período de tempo com a sua luz, relembrar a mensagem do Cristo. Muitos missionários já repetiram essa mesma lição: Francisco de Assis, Vicente de Paulo, Bezerra de Menezes, Madre Teresa de Calcutá e tantos outros,

cuja razão de estar entre nós é testemunhar o quanto o Pai nos ama. Afonso nos trouxe um suporte moral, o combustível para que o candeeiro que nos guia em noite escura, jamais se apague.

Contemporâneos de Kardec

Como pesquisador do Espiritismo, confesso que para determinados fatos ainda não ti ve a percepção clara do real significado de algumas afirmativas ditadas pelos Espíritos superiores. Quanto a este detalhe, sendo bastante realista, prefiro atribuir essa falta de percepção clara, muito mais a minha deficiência moral-intelectual do que a uma possível contradição da parte dos codificadores. Todavia, como bom seguidor de Kardec, obrigo-me a passar pelo crivo da minha consciência tais fatos, a aprofundá-los sob a gerência dos ensinamentos que a ele e aos bons Espíritos são atribuídos, devassando seus livros e artigos até que minha mente se dê por satisfeita com suas próprias conclusões.

A falta de aprofundamento nos estudos sobre os efeitos físicos na codificação do Espiritismo sempre me intrigou. Até aonde a minha mente consegue alcançar através de pesquisas, sempre notei que os Espíritos mais evoluídos são justamente aqueles que mais trabalham, sem medir esforços e sem reclamar do suor derramado. Moisés, ao saber de sua origem hebreia, abandonou o luxo, a riqueza da corte do faraó e assumiu a condição de pertencente a um povo escravizado, tomando-se, portanto, escravo no Egito. Jesus dizia: Eu trabalho e meu Pai trabalha sem cessar. Ele fazia mesmo questão de trabalhar aos sábados deixando claro que o sábado fora feito para o homem e não o homem para o sábado. Vivia entre agricultores, pescadores, cobradores de impostos, gente comum, ensinando, curando, alimentando-se com eles, sem atribuir a si título e autoridade que, reconhecidamente, possuía. Nada escreveu, talvez para não demonstrar uma superioridade intelectual já conquistada, preferindo a pedagogia do exemplo, para melhor firmar na mente coletiva suas lições de amor e de sabedoria. Paulo de Tarso, onde chegava a fim de ministrar o seu apostolado, fazia questão de exercer o seu ofício de tecelão.

Francisco de Assis reconstruiu a igreja de São Damião com as próprias mãos e, pessoalmente, limpava os leprosos, levantava os caídos, enfatizava a supremacia dos bens espirituais sobre os bens materiais; Vicente de Paulo pedia esmolas em nome da pobreza e, com o que adquiria, melhorava a vida dos velhos e dos famintos; Madre Teresa de Calcutá rejeitou a cátedra que lhe ofereceram para morar no meio de uma favela infestada de ratos, iniciando o seu ministério de amor ensinando as primeiras letras a crianças analfabetas. A partir dali, ela assustou o mundo com a sua capacidade de trabalho, propiciando uma morte digna aos rejeitados pela sociedade; Albcrct Schweitzcr, abandonou a Europa com todo o seu conforto e foi morar na região mais pobre da África, Lambarené, construindo com suas próprias mãos um hospital, passando a cuidar dos negros escravizados pelos brancos

que os espoliavam fingindo civilizá-los; Gandhi, após a meditação da madrugada, safa com uma lata de desinfetante e vassouras para lavar os banheiros dos barracos e ensinar ao povo noções de higiene. Poderíamos escrever muitas páginas sobre os heróis da humildade e da abnegação que passaram por este mundo, cuja lição preponderante foi o "arregaçar as mangas" em trabalho constante pela comunidade. Aqui no Brasil tivemos exemplos marcantes da atuação desses missionários: Bezerra de Menezes, irmã Dulce, Chico Xavier, dentre outros.

Por esta razão, sempre os vinculei à disciplina aconselhada em *O Livro dos Espíritos*, cuja exaltação do trabalho é inquestionável: Qual o limite do trabalho? - O limite das forças; de resto Deus deixa o homem livre (pergunta 683).

Todavia, e aqui entra em cena a minha falta de percepção para entender o real significado da resposta dada pelos Espíritos a Kardec, expressa formalmente na pergunta 538 e incorporada por ele ao seu modo de pensar: Os que executam as coisas materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os Espíritos como entre os homens.

Ainda hoje, na minha mente, tanto a atividade intelectual quanto a material, ou seja, a praticada pelo corpo carnal, é trabalho; todo trabalho é uma atividade superior, desde que voltada para o bem; o trabalho desenvolve a inteligência e gera progresso. Se os Espíritos de uma ordem inferior executam e os de uma ordem superior comandam, como identificar entre os maiores trabalhadores do planeta, os acima citados, Espíritos superiores?

Acostumado às ideias de Karl Marx, tive uma leve inclinação para rotular de burguês esse raciocínio¹. Os capitalistas, porque têm dinheiro, vão às universidades, adquirem conhecimento e com ele oprimem os trabalhadores que não tiveram oportunidade de instrução. Qual é a argumentação da burguesia para perpetuar-se como classe dominante? Nós somos intelectuais, temos o capital e sabemos como fazê-lo crescer. Os trabalhadores pertencem a uma classe de analfabetos que só serve como mão de obra. Resumindo: Nós mandamos porque

¹ * Nota do Editor: É um direito do autor expor suas ideias. Entretanto, discordamos dele, pois, assim como a mensagem de Jesus estava desvinculada das questões do poder e do Estado, a Doutrina Espírita igualmente **não** mantém esse tipo de vínculo. Mesmo porque o Espiritismo, a partir da Lei da Reencarnação, mostra que aquele que está no poder, hoje, pode voltar na subalternidade **amanhã**, e quem nasceu na condição de operário pode chegar à posição de patrão na existência seguinte. Quanto a dizer que os Espíritos mais evoluídos são os que mais trabalham, nada mais certo, porque **é** dado ao arquiteto trabalhar **como** pedreiro, mas não o inverso.

Os Espíritos responderam a *Kardec* que, de ordem geral, os que executam as coisas materiais são inferiores, tanto os Espíritos como os homens. Isso não significa que Jesus, Francisco de Assis, Albert Schweitzer estivessem impedidos de realizar trabalhos materiais, que só engrandeceriam suas almas.

sabemos mais e temos mais. Eles executam porque têm menos e sabem menos^s.

A afirmação kardeciana se complica ainda mais na época em que vivemos, onde o Neoliberalismo a tudo comanda. É comum observar-se pessoas que detêm conquistas intelectuais e morais relevantes não conseguirem um trabalho qualquer, pois o desemprego grassa no mundo, e se submeterem a subempregos ou, até mesmo, viverem na miséria, sem chance de demonstrarem o que sabem. Por que elas não conseguem um meio de ganhar dinheiro fácil? Justamente porque são honestas, ou seja, superiores àquelas que estão em cargos elevados mas que não são dignas de exercê-los. Por outro lado, esse mesmo Neoliberalismo, que traz em seu bojo a corrupção e o desapareço para com a justiça social, faculta àqueles que são inferiores moralmente e intelectualmente, cargos de comando onde ditam normas para os que são superiores obedecerem. As palavras, superiores e inferiores, nesse texto, no que se refere ao Neoliberalismo, possuem valores relativos ao estágio evolutivo em que se encontra o planeta, o que não ocorre quando mencionamos a superioridade dos missionários que vêm nos ajudar em nossa indignância.

Julgo que esse pensamento elitista, superiores mandam e inferiores obedecem, que não foi aprofundado devidamente em cada contexto em que é utilizado na codificação, gerou consequências sérias na mesma que Kardec levou a efeito, pois é nítido o aspecto secundário a que foram relegados os efeitos físicos em sua obra. Não sei se tal procedimento foi uma determinação prévia do plano superior, para que ele ficasse mais livre e mais concentrado em problemas considerados prioritários ou se, por considerar os efeitos físicos uma atividade dos Espíritos pertencentes à uma ordem mais inferior, ele² sozinho, tomou tal resolução. O fato é que, devido a superficialidade que a codificação imprimiu aos efeitos físicos, por uma providência da própria espiritualidade, eles tiveram que ser devassados e revelados por vários pesquisadores contemporâneos de Kardec. A estes dedicaremos o espaço que se segue.

² * Nota do Editor: Kardec, como pedagogo que era, procurou conduzir a Doutrina, em tempo exíguo, com sabedoria, pelo campo da moral e espiritualidade.

Os fenômenos físicos não se extinguiram, pois que se encontram em a Natureza. Foram pesquisados pelos seus contemporâneos e podem, ainda hoje, ser repetidos. Porém, está provado que esta não seria a melhor forma de convencimento e educação das pessoas, e sim as comunicações inteligentes.

Cahagnet (1809 -1885)

Chegando antes, saiu depois

Louis Alphonse Cahagnet nasceu em Caem, na França, filho de uma família pobre que não teve condições de educá-lo convenientemente. Em virtude disso ele teve que exercer muitas profissões para conseguir o alimento do dia a dia. Foi relojoeiro, torneiro de cadeiras, caixeiro de comércio, fotógrafo e, por sua inteligência e habilidade em todas elas, conseguiu adquirir posição destacada e respeitada, entre os que privaram de sua companhia.

Homem curioso e ávido de aprendizagem, ao tomar contato com a teoria da magnetização sentiu, de imediato, o desejo de aprofundar seus conhecimentos nessa ciência, passando, após breve período de estudos, a praticá-la com desembaraço. Foi dessa maneira que iniciou seus contatos com os desencarnados, através de pacientes em estado sonambúlico ou de êxtase.

Sentindo não apenas a necessidade de descobrir o que havia por trás do fenômeno, mas sobretudo, de escrever sobre o mesmo para que outros o entendessem, não demorou muito a que editasse seu primeiro livro: *Os Arcanos* (tomo I). Em sua introdução consta a advertência que nortearia o trabalho de Kardec em sua luminosa missão: *Sede prudentes. Não admitais nem rejeiteis nada sem um exame maduro; aquilo que não puderdes compreender, jamais digais que não é!*

Ao tomoseguiram-se o II e o III numa sequência ascendente de conhecimentos e de experiências práticas. Em **1848**, Cahagnet reuniu em Argenteuil um grupo de pessoas que havia testemunhado os fatos obtidos através da sonâmbula Adèle Maginot e criou a primeira instituição dedicada ao estudo do magnetismo: Sociedade dos magnetizadores Espiritualistas, por sugestão do Espírito Swedenborg. Após três anos esta sociedade mudou seu nome para Sociedade dos Estudantes Swedenborgianos, aproximando-se mais tarde do Espiritismo codificado por Allan Kardec, por afinidade de propósitos.

Para divulgar os trabalhos da Sociedade, Cahagnet fundou o jornal *O magnetizador Espiritualista*, no qual eram registrados todos os fatos relacionados com o Além obtidos por ele e pelos magnetistas de todo o mundo. Expandindo a sua grandiosa capacidade de escrever trouxe à lume outras obras:

1850 - *Santuário do Espiritualismo*: Estudo da alma humana e de suas relações com o Universo, segundo o sonambulismo e o êxtase.

1851 - *Luz dos mortos*: Estudos magnéticos, filosóficos e espiritualistas.

1851 - *Tratamentos das Enfermidades*: Estudo das propriedades medicinais de **150** plantas que a extática Adèle Maginot transmitira e diversos métodos de magnetização.

1853 - *Cartas Ódicas-magnéticas do Cavaleiro Richtenbach*, traduzido do alemão.

1856 - *Revelações do Além-túmulo*: Revelações feitas pelos Espíritos Galileu, Hipócrates, Franklin e outros, cujo conteúdo, rico e diversificado, saciava os mais requintados desejos de conhecimento e curiosidades acerca do mundo espiritual: justiça divina, a preexistência da alma, a criação da Terra, vários problemas da Física, da Botânica, da Matemática, da Medicina, além da existência do Cristo e do mundo dos Espíritos.

1857 - *Magia Magnética*: Estudo dos fenômenos de transporte, de suspensão de objetos, das possessões, das convulsões, dentre outros.

1858 - *Estudo sobre o Homem*: profundas considerações sobre o homem e as faculdades da alma que nele habita.

1861 - *Enciclopédia magnética Espiritualista (1854 - 1861)*

1869 - *Estudo sobre o Materialismo e o Espiritualismo*.

1880 - *Estudo sobre a Alma e o Livre-Arbítrio*

1883 - *Terapêutica do Magnetismo e do Sonambulismo*.

Como se observa, a luta pela doutrina nascente e a edição de obras sobre seus pontos básicos, antecederam e ultrapassaram a atuação de Allan Kardec. A artilharia enfrentada por ele já tinha fogo brando, pois metade da munição já fora gasta contra Cahagnet. Quanto a este detalhe, enfatiza Delanne: Qual ocorreu com as obras de Kardec, as de Cahagnet também foram batizadas pelo fogo. A leitura dos *Arcanos* foi proibida em todos os países, por decisão da Igreja Católica.

Todavia, esse grande mestre jamais se deixou abater. Interrogando os mortos ele obteve interessantes e reveladoras mensagens sobre os mais variados temas: Noções de magnetismo, as propriedades da alma, o poder da oração, o correto funcionamento da lei de causa e efeito, as ocupações dos Espíritos e suas sociedades, as obsessões, o inferno como estado da alma, o fenômeno de transporte, alucinações, suicídio, a separação da alma no fenômeno da morte, dentre outros, são heranças deixadas para Kardec, que não foi o único general dessa batalha.

Certa vez Kardec perguntou a um dos seus guias o que aconteceria se ele falhasse em sua missão. Outro te substituirá, foi a resposta. Esse outro não seria Cahagnet? Não se conhece alguém com as mesmas condições para, de imediato, assumir tarefa tão relevante. Desconheço um outro com capacidade, honestidade, dedicação e amor à causa que pudesse servir como segunda opção naquele adiantado da hora.

Qual João Batista, que precedeu a Jesus, Cahagnet precedeu a Kardec, planificando o caminho do Espiritismo para uma maior penetração em todas as camadas sociais. É compreensível que os espíritas tenham muito apreço, veneração e até, em alguns casos, uma certa divinização dessa competente figura que codificou o Espiritismo. Todavia, é preciso não esquecer tantos outros que o precederam, que estiveram com ele e permaneceram na lida após a sua partida, testemunhando as verdades deixadas pelos Espíritos missionários responsáveis

pela implantação do Consolador entre nós. Para sermos gratos e sensatos, precisamos saber distribuir essa gratidão em fatias, pois muitos foram os pais da ideia genial de codificar o conhecimento dos iniciados e divulgá-lo aos que buscam a verdade.

Epes Sargent (1813 -1880) o Kardec americano

Epes Sargent nasceu no estado americano de Massachusetts e sua vida apresenta muita semelhança com a de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. Ambos produziram excelentes livros didáticos; defenderam com heróica bravura até o fim de suas vidas o Espiritismo; imprimiram prioridade secundária a todas as outras atividades do cotidiano a fim de mais se dedicarem a doutrina nascente, após admitirem a sua grandeza; foram casados e não tiveram filhos; escreviam com muita clareza e ao alcance de pessoas simples; dominavam línguas de importância mundial e eram contemporâneos.

Este importantíssimo detalhe demonstra o engajamento de ambos na equipe de encarnados que vieram ao mundo com a missão de implantar a consoladora doutrina dos Espíritos.

A marca mais possante em Epes era a escrita. Sua genialidade é notada nos inúmeros jornais em que trabalhou, oferecendo ao público milhares de artigos, cujos temas variados podiam ser entendidos em todas as camadas sociais onde o jornal circulava. Ele escrevia com generosa fertilidade sobre ciência, filosofia, moral e outros temas, utilizando-se de imagens simples e profundas em estilo que agradava a todos. Escreveu narrativas, comédias, dramas e obras primas da poesia, tal como *Canções do Mar*, obtendo elogios até mesmo dos mais severos críticos literários americanos.

No plano educacional a sua contribuição foi, igualmente, frutífera, pois deixou obras para estudantes e para professores, recebendo o título de educador emérito, cujo nome era citado nos mais distantes rincões da América. Não havia escola nos Estados Unidos onde o seu nome não constasse como autor de leitura obrigatória, o que nos leva a crer na sua missão de esclarecer o povo americano quanto aos valores intelectuais e morais a serem cultivados e preservados.

De **1852** a **1856** editou em alguns livros as vidas e produções de célebres poetas ingleses, entre eles Thomas Hood, Rogers, Collins, Thomas Campbell, Thomas Gray e Goldsmith, além de traduzir para o seu idioma importantes obras literárias.

Nos últimos trinta anos de sua existência, Sargent veio a interessar-se pelo Espiritismo, estudando-o contínua e aprofundadamente qual o sedento que se vê, de repente, diante de uma fonte de água fresca e pura.

Céptico à princípio, assistiu a inúmeras experiências, passando, ele mesmo a realizá-las, para certificar-se de sua autenticidade. Convencendo-se da veracidade do fenômeno mediúnico tornou-se seu defensor, atuando com intensa vibração, lembrando Paulo de Tarso em seus discursos inflamados a favor da nova fé.

Pensador profundo, espírito indagador, emancipado de preconceitos científicos ou religiosos, soube extrair das experiências e estudos que realizou, uma bela e grandiosa obra que saciaria a muitos em seus desejos de crescimento espiritual.

A partir da sua conversão ao Espiritismo, jamais faltaram nos periódicos americanos notícias da pátria espiritual. Em contínua comunicação com os líderes religiosos da América e da Europa, Sargent mantinha-se atualizado quanto à evolução e os rumos do movimento espírita, incentivando-os ao soterramento do materialismo agonizante.

Em plena atividade intelectual Epes contraiu uma infecção pulmonar da qual não mais se recuperou. Nos últimos dois anos de vida seu estado orgânico debilitou-se com o surgimento de um câncer na boca, que o impedia de comunicar-se oralmente, tendo permanecido em atividade a fim de concluir seu último trabalho, Bases Científicas do Espiritismo.

Em **1880** a doença lhe sequestrou as últimas reservas vitais levando seu corpo e deixando-nos uma grandiosa obra de cunho intelectual e moral difícil de ser superada.

Terminada a obra o bom operário busca uma outra. Deve ter sido esta a determinação de quem o requisitou para sua verdadeira pátria.

William Crookes (1822 -1919) A comprovação da ciência

As pesquisas efetuadas por Sir William Crookes no campo da mediunidade durante os anos de **1870 a 1874**, constituem um dos maiores e mais significativos feitos na história do Espiritismo nascente. Digo nascente, em sua forma moderna, pois os fenômenos espíritas surgiram com os primeiros homens. Podemos dizer que com eles e, em alguns casos, apesar deles, tais fenômenos se desenvolveram, atingindo hoje o status de realidade inquestionável.

Mas, apesar de encarnar após período de aprendizagem no plano espiritual, desencarnar e retomar para este mesmo plano, dormir e desprender-se da matéria adentrando o mundo dos Espíritos nele realizando dezenas de tarefas, ter intuições, receber visitas de desencarnados, avisos de familiares falecidos, herdar todo um roteiro religioso deixado por um mestre que confirmou tais muitos

as ignoram ou delas duvidam, como se nunca as tivessem encontrado em suas vidas.

Com Crookes a história não foi diferente, até começar a pesquisar os fenômenos espíritas. Homem proeminente no mundo científico, colocou todo o peso do seu saber na busca da verdade espírita que até então negava, sem se importar se cairia em miséria ou seria discriminado por seus iguais, caso a realidade se mostrasse contrária às suas convicções. Foi o mais corajoso cientista do seu tempo e o mais isento de preconceitos ao assumir uma postura de honestidade científica em obediência à verdade dos fatos.

Nessa época, já fora eleito Membro da Sociedade Real em **1863**, da qual recebera em **1875** a Royal Gold Medal por suas várias pesquisas no campo da Física e da Química. Posteriormente, foi agraciado com a Davy Medal e com a Sir Joseph Copley Medal. Fora nomeado Cavaleiro pela Rainha Vitória e recebera a Ordem do Mérito em **1910**. Ocupara diversas vezes a cadeira de Presidente da Royal Society, da Chemical Society, da Institution of Electrical Engineers, da British Association e da Society for Psychical Research.

*Justificava tantos prêmios e honrarias as suas pesquisas e descobertas, tais como um novo elemento químico a que chamou de "Thallium", as invenções do fotômetro de polarização, do microscópio espectral e do tubo de Crookes. Aos **20** anos, já publicara relevantes memórias sobre a luz polarizada, sendo pioneiro na Inglaterra a estudar, com o auxílio do espectroscópio as propriedades dos espectros solar e terrestre. É o autor de um tratado de análises químicas que se tomou clássico. Em **1859** ele havia fundado a Chemical News e em **1864** tornou-se o redator do Quarterly Journal of Science. Em **1880** a Academia de Ciências da França lhe concedeu uma medalha de ouro e um prêmio de **3** mil francos, em reconhecimento ao seu importante trabalho.*

Nessa época, os fenômenos espíritas se destacavam na Europa e na América, desafiando as leis até então estáveis para os cientistas e à inteligência dos homens de bom senso. Os ingleses se sentiam incomodados com aquela novidade do outro mundo e, nivelando por baixo, chamavam de mistificadores e embusteiros àqueles que os protagonizavam. Crookes aceitou o desafio de estudar os fenômenos e a racionalidade inglesa estufou o peito em antecipada vitória.

O cientista confessou que iniciara o estudo crente que a novidade não passava de truque vulgar. Essa convicção inicial, fez nascer profunda satisfação em seus admiradores, de vez que a pesquisa seria elaborada por um homem altamente qualificado e de reconhecida competência. As arrogantes pretensões do Espiritismo estavam com os dias contados. A cabeça baixa dos adoradores de fantasmas já era antevista bem como o exorcismo dos seus mortos. Disse um escritor da época: Se um homem como Mr. Crookes trata do assunto, em breve saberemos em quem acreditar.

Todavia, apesar de desconfiado, Crookes buscava realmente a verdade, admitindo que era dever dos cientistas fazer a necessária investigação.

Durante quatro anos de cuidadosas experiências levadas a efeito com a médium Florence Cook e com o Sr. Home, numerosos fenômenos foram observados e anotados: movimentos de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico; fenômenos de percussão e outros sons da mesma natureza; movimentos de objetos pesados colocados a certa distância do médium; elevação de mesas e cadeiras do solo sem nenhum contato; elevação de corpos humanos; aparições luminosas; aparição de mãos luminosas ou visíveis à luz ordinária; forma e figuras de fântasmas; casos particulares parecendo indicar a ação de uma inteligência exterior; manifestações diversas de caráter complexo.

Nessas experiências Crookes tirou 42 fotografias de Katie King, Espírito que comumente se materializava nas reuniões. Após exaustivas pesquisas, qualquer traço de dúvida havia desaparecido da sua mente e a verdade se apresentava transparente ao seu Espírito vigilante.

Publica e divulga o seu relatório, anexando uma carta, na qual pedia a Stokes, secretário da Royal Society, que viesse ver as coisas com seus próprios olhos. Recusando o convite, Stokes colocou-se exatamente na mesma posição daqueles cardeais que não quiseram ver as luas de Júpiter pelo telescópio de Galileu. Defrontando um fato novo, a ciência acadêmica se mostrou tão fanática quanto a Teologia medieval.

Eis parte de suas declarações publicadas no Quarte- 1 y Journal of Science, em janeiro de 1874, cumprindo não apenas a uma promessa que fizera a Florence Cook, mas, sobretudo, a si mesmo, em testemunho a sua honestidade: Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos meus enraizados pontos do credo científico - entre outros a universal e invariável ação da força de gravitação - que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu Espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho dos meus sentidos da vista e do tato - testemunho corroborados pelos sentidos de todas as pessoas presentes - que me dizem não serem testemunhos mentirosos, visto que eles depõem contra as minhas ideias preconcebidas. Supor que uma espécie de loucura ou de ilusão vem dominar subitamente um grupo de pessoas inteligentes e sensatas, que estão de acordo sobre as menores particularidades e detalhes dos fatos de que são testemunhas, parece-me mais incrível do que os próprios fatos que eles atestam. O assunto é muito mais difícil e mais vasto do que parece. Há cerca de 4 anos tive a intenção de consagrar um ou dois meses somente ao trabalho de certificar-me se certos fatos maravilhosos...

Com a divulgação do seu relatório comprovando a veracidade dos fatos espíritas, William Crookes recebeu da parte de muitos cientistas e pensadores de sua pátria, a indiferença e o deboche. Era o esperado. Tais pessoas, não sabendo como argumentar tentaram ridicularizar, no que se tomaram ridículas, por se julgarem donas da verdade.

Mas, tal demonstração de incoerência não lhe tirou o entusiasmo. Seguiu a sua missão até que, convocado a receber uma das mais altas homenagens da Coroa Britânica, o título nobiliárquico de "Sir", foi-lhe sugerido que abandonasse as teorias de ordem espiritista, afirmando que a sua conclusão fora o resultado de uma alucinação psicológica. A isso, o eminente pesquisador contestou com altivez: Cada dia que passa, à medida que os tempos se dobram sobre os anos, na razão direta em que se vão e são adquiridas novas experiências, maior certeza tenho a respeito da indestrutibilidade do Espírito imortal, da realidade da vida após a morte e da grande fenomenologia espiritista, que nos coloca em contato com essa realidade, a vida espiritual.

Após suas pesquisas, as críticas maldosas e os elogios sinceros nunca mais estiveram ausentes do seu cotidiano.

Algumas línguas maldosas disseram ser ele apenas um velho apaixonado pela jovem Florence. Mas outros refutavam dizendo-se privilegiados por viverem em sua época e por serem ingleses.

Crookes brilha na história dos desbravadores do invisível como o sábio que mais profundamente levou o seu bisturi ao mundo invisível, através da pesquisa metódica.

Exemplo de lucidez e honestidade, não se deixou dobrar por falsas amizades, nem pelo medo de ver seu nome ligado a um campo de conhecimento execrado pela sociedade de então. Fez prevalecer a sua sensatez e a sua ética para com a ciência, da qual foi corajoso defensor e pesquisador. Se nos anais da ciência, seu nome jamais será esquecido, nos anais do Espiritismo é estrela de brilho farto, principalmente, para aqueles que fazem da luz uma razão de vida.

Dizem alguns que o Espiritismo não é da alçada da ciência. Que não pode ser avaliado nem entendido utilizando-se para isso da ciência acadêmica. Crookes provou o contrário. Não existe uma ciência material e outra espiritual, é apenas ciência. Se existissem duas ciências separadas sem interação entre elas, os encarnados não poderiam trabalhar com os desencarnados e vice-versa. Se assim fosse, quando da desencarnação, enviado o Espírito ao plano espiritual, teria que novamente tudo aprender, pois seus julgamentos deveriam ser, de agora em diante, feitos com base na ciência espiritual. Se um médium pode escrever através de uma cesta de bico e de um lápis o que o impede de utilizar um computador? A mediunidade é incompatível com a ciência? Se o ectoplasma foi separado e estudado, as materializações foram pesadas e fotografadas, as regressões de memória e a prática mediúnica fazem parte dos tratamentos psicológicos há anos, por que se diz que o julgamento da ciência, como ciência, não tem valor junto aos fatos espíritas? Se não tem valor, por que tantas comunicações na codificação, sobre mundos habitados, dando conta de suas diferentes situações físicas dentro do sistema solar? Quer dizer então que é válido para a ciência dos Espíritos emitir opiniões sobre o mundo material e o contrário não pode ser feito?

Quando o Espírito se prepara para reencarnar traz seus conhecimentos científicos, às vezes, mais avançados que os nossos para aqui implantá-los, pois as leis que regem a matéria são as mesmas para os dois mundos. A gravidade não deixa de existir para um desencarnado. A sua condição vibracional, a sua matéria menos densa é que escapa, por assim dizer, a essa força que continua atuante onde existir matéria. Quanto mais o perispírito é denso mais a gravidade influenciará sobre ele. Deus fez leis imutáveis, válidas para todo o universo. Isso nos garante a certeza de que não precisamos recomeçar a aprendizagem a cada recanto aonde formos atuar. Logicamente que as leis sofrem adaptações a cada ambiente, devido a especificidade do meio. Explicando: Se formos à Lua com uma bagagem pesando **60** quilos (pesados na Terra) teremos a grata satisfação de constatar que a bagagem registrará na superfície lunar apenas **10** quilos. O que aconteceu com os outros **50** quilos? Como o peso depende da gravidade e esta na lua é seis vezes menor, o peso diminuiu sem que a massa (quantidade de matéria) se alterasse. Resultado: A gravidade depende da massa do planeta, satélite ou mundo em questão. E se estivermos no espaço, em um local onde a presença de matéria seja mínima? Nosso peso de **60** quilos flutuaria, não teria peso algum, apenas massa. Com isso quis apenas dizer que ao aprendermos ciência em um mundo, não precisamos repetir a mesma aprendizagem em outro que apresente lições semelhantes. Concluímos, com acerto, que não existe, a rigor, ciência do mundo espírita e ciência do mundo material, apenas ciência. Como Allan Kardec sabiamente dividiu o Espiritismo em ciência, filosofia e religião, temos que o Espiritismo pode ser avaliado pela ciência, malgrado o beicinho que muitos apresentam quando alguém assim argumenta. Portanto, se o Espiritismo é ciência, não queiramos impor a ideia de que o lado científico pode ser desprezado ou que o julgamento da ciência não tem valor ou possa ser subestimado diante de um fenômeno qualquer. Façamos nosso contorcionismo mental para adequar ou justificar determinados pontos de vista mas não às custas da desvalorização daquilo que por si mesmo é um valor inestimável, a ciência. Acredito que este era o ponto de vista de Crookes.

Zöllner (1834 -1882) A quarta dimensão

Frederich Zöllner, foi professor de Física e de Astronomia na Universidade de Leipzig, na Alemanha, entrou para a história do Espiritismo através de suas pesquisas científicas sobre os efeitos físicos provocados pela mediunidade, notadamente, os fenômenos de transporte.

Seu trabalho repercutiu em todo o mundo, chamando a atenção dos acadêmicos sérios e dos leigos, tanto pelo prestígio e talento que ornavam o seu nome, quanto

pelo inusitado da pesquisa, os fenômenos ditos sobrenaturais.

Para explicar os fenômenos de transporte de objetos levados a efeito por desencarnados, ele desenvolveu a teoria da quarta dimensão, no que se baseou em teorias que elaborou e em experiências práticas que realizou. Por esta teoria, o universo, além das 3 dimensões euclidianas já conhecidas, contém uma quarta, pela qual transitam os objetos manipulados pelos Espíritos nos fenômenos de transporte.

Para Zöllner, as dimensões suplementares do universo seriam extensões da própria matéria invisível e imperceptível aos nossos sentidos comuns: Nós seres de três dimensões, só poderemos atar ou desatar um nó, movendo uma das extremidades, 360° num plano, obrigatoriamente inclinado para o que contiver a parte do nó de duas dimensões. Porém, se existir entre nós alguém que, por sua vontade, possa efetuar movimentos de 4 dimensões, poderá atar ou desatar os nós de um modo muito mais simples.

Zöllner trabalhou com cordas, moedas, argolas, daí sua referência aos nós que eram atados e desatados pelos Espíritos, sem nenhuma possibilidade de os mesmos serem efetuados através das citadas dimensões euclidianas.

A respeito da quarta dimensão, Schiaparelli, famoso astrônomo italiano, escreveu a Camille Flammarion, astrônomo francês: É a mais engenhosa e provável teoria já imaginada. De acordo com ela o fenômeno mediúnico pode perder sua característica mística e passar ao domínio da Física e da Filosofia ordinárias.

Para melhor entendimento da quarta dimensão na concepção da Física atual, admitamos que o espaço possa encurvar-se nas proximidades das grandes massas gravitacionais, e que ao fazê-lo, dobrar-se-á no sentido da quarta dimensão. Suponhamos que alguém nos observa da realidade quadridimensional, ou seja, um ser da quarta dimensão, com capacidade de intervir em nosso universo tridimensional, decida retirar uma pessoa de um determinado local e colocá-la em outro. Isso equivaleria ao brusco desaparecimento dessa pessoa do lugar que ocupava e o seu súbito aparecimento em meio a várias outras, sem que elas pudessem dar conta de como surgiu ali, inesperadamente, aquela pessoa.

A fim de comprovar a sua teoria, Zöllner realizou várias experiências em reuniões com a presença de médiuns e pesquisadores em sua própria residência, onde supervisionava pessoalmente as condições de segurança e o controle das variáveis envolvidas nos testes.

Em 1877, trabalhando com o famoso médium Henry Slade, protagonista de vários fenômenos de efeitos físicos em vários países, reuniu alguns professores da Universidade de Leipzig e, com o sucesso obtido em suas experiências, publicou vários artigos em revistas científicas e, posteriormente, livros, dentre os quais um tomou-se célebre: *Física transcendental*.

A título de curiosidade descrevemos aqui uma experiência simples realizada com a ajuda do médium Slade: No dia 16 de dezembro de 1877, às 21 horas,

Zöllner atou as pontas de cada uma de duas cordas e lacrou os nós. Esta operação prévia foi feita em casa do próprio Zöllner na presença de várias testemunhas e na ausência do médium. No dia seguinte, às 10:30h, o Dr. Wilhelm Weber preparou mais 2 outras cordas. Munido dessas 4 cordas Zöllner dirigiu-se à casa de um dos seus amigos, o Barão von Hoffman, onde se achava hospedado o médium Slade. A sessão foi realizada no gabinete particular do Barão. Nessa ocasião, Zöllner escolheu uma das 4 cordas, prendeu o laço entre os seus polegares e, deixando o restante dela caído sobre suas pernas, esperou que Slade se concentrasse. O médium mantinha-se calmo, sem tocar na corda e à vista de todos os observadores atentos e vigilantes. Durante alguns minutos Slade manteve suas mãos sobre a mesa, dando a impressão de que se achava distraído e alheio ao que se passava. Em determinado instante, sem que se possa explicar como tal fato aconteceu, surgiram 4 nós na corda segura e vigiada por Zöllner.

Podemos explicar ao que assistimos de duas maneiras, esclareceu o professor transposição da matéria através da própria matéria ou admitindo a existência da quarta dimensão. No primeiro caso, a corda ter-se-ia entrelaçado pela separação das fibras em certos lugares e, depois da passagem de determinada porção da corda, as fibras ter-se-iam reunido novamente. Esta operação só é possível de ser realizada dentro do nosso espaço de 3 dimensões por seres capazes de desmaterializar e em seguida rematerializar a corda em certos pontos. No segundo caso, ou seja, a existência de uma quarta dimensão, teremos que admitir a presença de seres capazes de efetuar operações ao longo das quatro dimensões.

O persistente professor, também recebeu a visita da mais renomada médium de efeitos físicos do século XIX, madame D'Esperance. Esta, em passagem pela Alemanha procurou Zöllner motivada pelas experiências que ele realizava sobre transporte de objetos levados a efeito por desencarnados. Nessa ocasião muitas pessoas, ávidas por informações de parentes mortos, por curas de suas enfermidades e até mesmo por curiosidade sobre o mundo dos Espíritos, convergiram para o local onde se encontravam, provocando o desabafo do professor: Que devo dizer a todas essas pessoas? Elas parecem ignorar que o Espiritismo não é sinônimo de feitiçaria e de magia negra. A observação ainda é pertinente hoje, devido ao desconhecimento, o preconceito e a má vontade que muitos demonstram diante dos fatos mediúnicos.

Zöllner, através do seu trabalho escrito e de suas experiências científicas, conseguiu atrair a atenção da comunidade científica, de alguns filósofos e, sobretudo, daqueles que só esperavam um sinal que provasse a existência e a sobrevivência do Espírito para crerem em uma outra vida. Suas obras A Natureza dos Cometas, Esboço de Fotometria Universal dos Céus Estrelados, Natureza dos Coitos Celestes e Física Transcendental o tomaram famoso e lhe atribuíram credibilidade junto a comunidade internacional, o que ajudou na penetração das ideias espíritas.

Foi Membro Honorário da Associação de Ciências Físicas de Frankfurt e

Membro da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos de Paris, onde sua atuação, tida como lúcida e honesta, tinha o respeito de todos.

Em **1880** participou de **25** reuniões com o médium inglês, protagonista de materializações e de escrita direta, William Egliton, declarando sua autenticidade e firmando um compromisso de escrever mais um livro sobre tais assuntos, o que, infelizmente, não ocorreu devido à sua desencarnação.

Inegavelmente, Zöllner foi um grande divulgador do Espiritismo através da Física, ciência que lecionava e que utilizava como ferramenta de demonstração da vida em uma quarta dimensão. A propor uma outra dimensão na elucidação dos fenômenos com os quais trabalhava, antecipou-se aos físicos atuais e demonstrou como a ciência pode auxiliar a religião e o quanto a religião pode ser científica. Foi um cientista que ultrapassou os acanhados limites dos laboratórios terrenos situando a sua marca nos cumes filosóficos da própria ciência. Isso o tomou um caçador de verdades, sem preconceitos e sem fanatismo, coisa rara entre os cientistas e, por que não dizer, entre boa parte dos religiosos atuais.

Daniel Dunglas Home (1833-1886) O médium voador

Home nasceu na Escócia e foi para Nova Inglaterra morar com uma tia que o havia adotado. Já bem jovem começou a demonstrar seus dons mediúnicos, destacando-se desse período, dentre as faculdades que viria a exercitar, as visões premonitórias. A primeira visão marcante que teve foi o fantasma de seu amigo Edwin, com o qual havia feito um pacto, com a obrigatoriedade de, aquele que morresse primeiro, voltar para dizer ao outro, detalhes da sua passagem para o outro mundo.

Certa noite, um pouco depois de deitar, teve a visão de Edwin conforme o combinado, avisando pela manhã à sua tia da morte do amigo, confirmada dois dias depois.

Uma segunda visão, em **1850**, referia-se à morte de sua mãe, que fora viver na América. Durante a noite, Home gritou por socorro, e quando a tia o atendeu ele revelou que sua mãe havia falecido naquele dia, precisamente às **12** horas. Ela mesma o tinha revelado. Conta-nos Allan Kardec que, aos seis meses, o berço desse médium já se balançava sozinho e mudava de lugar. Quanto à sua saúde frágil, enfatiza: Nos seus primeiros anos, era tão débil que tinha dificuldade para se sustentar, sentado sobre um tapete, os brinquedos que não podia alcançar vinham, eles mesmos, colocar-se ao seu alcance.

Para complicar a situação doméstica, o lar onde Home vivia foi invadido por movimentos de móveis arrastados por forças invisíveis, batidas fortes que atrapalhavam o sono, e o medo de que algo inesperado viesse a acontecer a

qualquer instante perturbava e angustiava sua tia. Sem suportar aquela situação, esta senhora, sob a acusação de que o sobrinho trouxera o diabo para dentro de casa, o expulsou, passando o jovem a levar uma vida de peregrinação pelas cidades próximas.

Sua mediunidade, a essa altura, já estava solidamente estruturada e ele se sentia na obrigação de fazer, onde lhe davam pousada, várias reuniões de efeitos físicos por dia, fato que o deixava exausto. Em New York fez reuniões com o professor Hare e com o juiz Edmonds, ocasião em que os converteu ao Espiritismo, bem como a algumas autoridades da cidade.

Home tinha uma saúde frágil. Seu pulmão esquerdo era parcialmente destruído. Todavia, esforçava-se muito para desempenhar a missão que, segundo ele, havia recebido para demonstrar a imortalidade da alma. Por esta razão, jamais recebeu um único níquel sequer pelas reuniões nas quais participou na qualidade de potente médium, sem sombras de dúvidas, o de maior destaque do século XIX.

Estimado em toda a Europa, era recebido por governantes para que o vissem flutuar como um passarinho, mover, sem contato, toda a mobília da casa, provocar pancadas cuja origem deixava sem palavras, mesmo os mais cépticos contadores do Espiritismo. A Revista Espírita, em suas edições de fevereiro de **1858** e de setembro de **1863** tecem elogios ao seu desempenho e o defendem das calúnias que sobre ele lançavam: O senhor Home é um médium do género daqueles que produzem manifestações ostensivas e uma grande e elevada alma; nós o constatamos com tanto maior prazer quanto se conhece a influência das disposições morais sobre a natureza das manifestações; sob a sua influência, os mais estranhos ruídos se fazem ouvir, o ar se agita, os corpos sólidos se movem, se erguem, se transportam de um lugar a outro através do espaço, instrumentos de música fazem ouvir sons melodiosos, seres do mundo extra-corpóreo aparecem, falam, escrevem e, frequentemente, vos abraçam até causar dor; seu carácter e as qualidades morais que o distinguem, devem, ao contrário, granjear-lhe a simpatia dos Espíritos superiores; ele não é, para esses últimos, senão um instrumento destinado a abrir os olhos dos cegos por meios enérgicos, sem estar, por isso, privado de comunicações de uma ordem mais elevada (grifo meu). Essas são algumas opiniões de Kardec sobre Home.

Nota-se que até nesse pequeno comentário sobre os efeitos físicos Kardec não perdeu a oportunidade de exprimir a sua opinião quanto ao carácter secundário desses efeitos, em comparação com os efeitos intelectuais. Lembre-se o leitor de que expusemos alhures a opinião dos Espíritos que auxiliaram o codificador, respondendo às questões que lhes eram feitas: Os que executam as coisas materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os Espíritos como entre os homens. Essa opinião é reforçada mais de uma vez nos artigos que falam sobre Home: O senhor Home é um médium do género daqueles que produzem manifestações ostensivas, sem excluir, por isso, as comunicações inteligentes

(grifo meu); mas as suas predisposições naturais lhe dão, para as primeiras, uma aptidão mais especial.

A característica marcante da mediunidade de Home era a versatilidade. Vidência, voz direta, movimentos sem contato, levitação, premonição, falar em transe, dentre outras modalidades mediúnicas, faziam dele um homem procurado, vigiado em suas reuniões, admirado pelos prodígios que realizava. Muitas foram as cartas de gratidão a ele dirigidas, não divulgadas devido a sua modéstia.

Por mais de 30 anos Home deu provas inequívocas da existência de um outro plano repleto de vida e de inteligência em contínua interação com os encarnados. Mesmo entre os imperadores ele deixou a sua marca, qual seja, transformá-los em homens mais crentes e confiantes em um reino que não é deste mundo. Diante do Imperador Napoleão D, Home fez várias experiências obtendo em uma delas uma prova concreta da assinatura de Napoleão Bona parte.

Home foi um missionário cuja tarefa era convencer àqueles que sentiam dificuldades de aceitação pelas letras ou palavras mas que se deixavam tocar pelo que viam. Mesmo tentando liberar-se dessa missão, o que fez quando esteve em Roma, aceitando, nessa ocasião a fé católica e sentindo-se, por força dessa decisão, na obrigação de romper relações com o mundo espiritual, sua capacidade de produzir os fenômenos jamais o abandonou.

Era preciso convencer o maior número possível de pessoas simples e letradas, eépticas e crentes à espera de uma prova para se entregarem. Esta prova, seja de que o Espírito sobrevive à morte, comunica-se com os vivos sem que, para isso inflija qualquer lei divina, precede a esta personalidade atual e volta outras vezes a este mundo em aprendizagem, foi muitas vezes reforçada por ele.

Importantíssima foi a missão desse médium junto à comunidade europeia, levando a todos a prova irrefutável de que não há morte, apenas transferência de plano.

Camille Flammarion (1842-1925) o caçador de estrelas

Camille Flammarion nasceu na França e nela cresceu nutrindo uma forte paixão pela Astronomia, ciência que, por sua grandeza, mostra a insignificância de um mundo qualquer frente a imensidão do cosmo. A Astronomia é a ciência que coloca o homem no seu verdadeiro lugar, dizem os sábios.

Muito jovem ainda, redigiu um trabalho de grande fôlego sobre o Universo, este veio a cair nas mãos de um médico que viera tratá-lo de leve enfermidade. Impressionado com os conhecimentos ali expostos, o médico encaminhou-o para o Observatório de Paris, resultando na admissão do seu autor como aprendiz nesse conceituado estabelecimento.

Foi nessa época de estudante que Flammarion teve no o seu primeiro contato com o

Espiritismo, associando-se à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, fundada e dirigida por Allan Kardec. Nessa oportunidade, escrevia o livro A Pluralidade dos Mundos Habitados, cujas ideias se encaixaram de imediato com as contidas em O Livro dos Espíritos, fato que o tornou, de imediato adepto da Doutrina nascente, o Espiritismo.

Por dedicar parte do seu tempo ao treinamento da psicografia, as sessões da Sociedade estavam repletas de comentários a respeito dessa técnica de comunicação com o Além, fato que motivou o neófito sedento de conhecimento a ser, também, aprendiz da mediunidade.

Foi graças à educação dessa faculdade mediúnica que Flammarion trouxe à luz importantes trabalhos escritos, tais como *Uronografia Geral*, assinado por Galileu, cuja importância levou Allan Kardec a incorporá-la à sua obra *A Gênese*.

Participando dos principais grupos espíritas de Paris e secretariando um deles, o jovem observador de estrelas enriquecia o seu Espírito com os novos conhecimentos e, como querendo gravá-los *para sempre*, transcrevia-os em forma de livros para que outras pessoas sentissem aquela sensação de imensa alegria em contato com as revelações espirituais.

Em **1865**, com o título *Forças Naturais Desconhecidas*, surge o seu primeiro livro sobre pesquisas efetuadas nas atuações dos irmãos Davenport e outros médiuns. Por ocasião da desencarnação de Allan Kardec, ele foi escolhido para proferir uma das **4** orações à margem do túmulo que abrigaria o corpo. Em seu discurso impressionou a todos ao afirmar o caráter científico do Espiritismo:... Senhores, O Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, ciência da qual conhecemos apenas o *a b c*. O tempo dos dogmas acabou. A Natureza abarca o universo, e, o próprio Deus, que se fez outrora à imagem do homem, não pode ser considerado pela metafísica moderna senão um Espírito na Natureza. O sobrenatural não existe mais. As manifestações obtidas por intermédio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são de ordem natural, e devem ser severamente submetidas ao controle da experiência. Não há mais milagres. Assistimos à aurora de uma ciência desconhecida.

Seu discurso exalta a excelência do trabalho do amigo que partia, a realidade incontestável da interação entre encarnados e desencarnados, culminando em homenagear o desencarnante com o título, encarnação do bom senso.

Nesse mesmo ano, **1869**, a Sociedade Dialética de Londres iniciou suas investigações sobre os fenômenos medi-únicos, apresentando-se ele para participar das pesquisas que, em seu relatório final, concluiu ser o assunto digno de maior aprofundamento.

Em **1879** publicou o livro *Astronomia Popular*, considerada a melhor obra do gênero impressa no século XIX. Aprofundando-se ainda mais no estudo da mediunidade, publicou o IÍVTO *Forças Psíquicas Misteriosas*, onde expressa a sua absoluta convicção na veracidade dos fatos mediúnicos: O fenômeno mediúnico tem para mim a estampa de absoluta certeza e incontestabilidade e amplia o

suficiente para provar que as forças físicas desconhecidas existem fora do ordinário e estabelecido domínio da filosofia natural.

Em **1882**, já renomado profissional da Astronomia, instalou um observatório privado com a finalidade de propiciar às pessoas comuns uma visão das estrelas. Ele começara a amar a Deus, a descobrir nele grandeza e perfeição observando estrelas. Quem sabe se esses pontinhos luminosos não exerceriam o mesmo fascínio na alma de outros homens? Observando estrelas muitas pessoas se sentem mais próximas de Deus. A ciência, pensava ele, uma excelente conselheira das verdades espirituais e, além de livros, deve haver outros chamamentos ao despertar do Espírito para a nova fronteira que se abria.

Como passo seguinte, fundou a revista *A Astronomia* e em **1887** a Sociedade Astronômica da França. Em **1899**, iniciou um censo sobre alucinação. De **4280** pessoas consultadas **1824** afirmaram ter visto fantasmas. Destes, **786** casos foram registrados e rotulados como evidência clara, ou seja, provavelmente verdadeiros. Revisado e ampliado esse material formou a base do livro *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, obra que reforçava as provas da telepatia, da aparição dos mortos, dos sonhos premonitórios e da clarividência.

Podemos extrair dessa importante obra o seguinte resumo: A alma existe como personalidade real, é independente do corpo e dotada de faculdades ainda desconhecidas pela ciência; pode agir e perceber, à distância sem os sentidos como intermediários; o futuro é de antemão preparado e determinado por causas anteriores a alma, algumas vezes o percebe.

Dividindo seu tempo entre os fenômenos psíquicos e Astronomia, Flammarion aprofundava o bisturi da investigação em reformas políticas e sociais, na evolução do homem, na morte, na Natureza e, principalmente, em Deus. No campo da Astronomia escreveu ainda *Urânia: A missão da Astronomia será mais elevada ainda*. Depois de vos haver feito sentir e dado a conhecer que a Terra não é mais do que uma cidade na pátria celeste, e que o homem é cidadão do céu, irá mais longe. Descobrimo o plano sobre o qual o universo físico está construído, mostrará que o universo moral se acha alicerçado sobre esse mesmo plano; que os dois mundos não formam senão um mesmo mundo, e que o Espírito governa a matéria. (...) A Astronomia será pois, eminentemente, e antes de tudo, a diretriz da filosofia. E a filosofia astronômica será a religião dos Espíritos superiores.

Flammarion foi uma espécie de poeta dos céus, da natureza, alguém que buscava e identificava Deus em cada pedra ou folha do caminho. Amante da ciência, como bem o demonstra a sua obra *Deus na Natureza*, colocou todo o seu conhecimento a serviço da Astronomia e do Espiritismo, duas ciências, para ele essenciais ao desenvolvimento do Espírito. Cientista talentoso, escritor de brilho farto, espírita por convicção, brilha entre os estudiosos do Espiritismo como as estreleis que pesquisou.

A ele devemos, no mínimo, a gratidão, pelas horas que passou em pesquisa para que

tivéssemos mais luz; pela generosidade com a qual se colocava à disposição da espiritualidade para que a conheçêssemos melhor. De tanto trabalhar com o brilho das estrelas, impregnou-se dele, e deve estar em alguma delas enviando raios de inspiração para nós.

Eusápia Palladino (1845 -1918)

Exaustivamente testada

A mediunidade de Eusápia Palladino, segundo Conan Doyle, é marca importante no estudo dos fenômenos psíquicos por ter sido ela a primeira médium a ser submetida a estudos por vários homens da área científica.

Entre as primeiras manifestações produzidas por sua mediunidade constam os movimentos de objetos sem contato, levitação de objetos e de si própria, materialização de mãos e rostos, surgimento de luzes sem identificação de origem material, execução de músicas em instrumentos sem contato de encarnados.

Nascida em Nápolis, sem chance de obter educação esmerada, a mediunidade dessa mulher humilde começou quando, sentada à mesa de amigos com os quais foi morar, fez a mesa se erguer, dançar as cadeiras, revirar as cortinas e girar garrafas e copos. Resumindo: provocou verdadeiro alvoroço entre os presentes que, espantados quanto ela própria, buscavam uma causa para aquele evento inusitado.

Aos **22** anos, sob a orientação de Damiani, estudioso das doutrinas psíquicas, começou sua missão. Seu orientador havia sido informado através de um Espírito chamado John King para procurá-la, pois sendo ela uma potente médium de efeitos físicos poderia ser utilizada em suas pesquisas. Tal Espírito havia dado à Sra. Damiani, esposa do pesquisador, o endereço da médium, fato que possibilitou o contato entre ambos, orientador e Eusápia, propiciando a educação da jovem e promissora médium.

Sua primeira apresentação na Europa se deu através do professor Qiiiaia, de Nápolis, que em **1888** publicou em um jornal de Roma uma carta ao professor Lombroso, citando detalhes de suas experiências psíquicas e convidando-o a participar delas, pelo bem da ciência.

Somente em **1891** Lombroso aceitou o convite e em fevereiro do mesmo ano realizou duas experiências com a médium em Nápolis. O cientista convidado impressionou-se vivamente com os fenômenos observados, fato que o converteu à nova Doutrina que se expandia pela Europa, o Espiritismo: Estou cheio de confusão e lamento haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados espíritas. Sua conversão incentivou muitos cientistas importantes da Europa à investigação, fato que tomou Eusápia uma médium procurada e ocupada durante anos, submetida a pesquisas e experiências na área medi única.

*As sessões de Lombroso em Nápolis foram seguidas pela comissão de Milão em **1892**, na qual constavam proeminentes figuras do mundo científico, tais como o professor Schiaparelli, diretor do Observatório de Milão, o professor Gerosa, catedrático de Física, Ermacora, doutor em Filosofia Natural, Aksakof, conselheiro do Tzar da Rússia, Charles du Prel, doutor em Filosofia, de Munique e professor Charles Richet da Universidade de Paris. Posteriormente, Richet seria agraciado com o prêmio Nobel de Fisiologia e se tomaria um grande pesquisador dos fenômenos físicos, criando, inclusive, a Metapsfquica, com a finalidade de estudar a ciência que tem por objeto os fenômenos mecânicos ou psicológicos, devido a forças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas, latentes na inteligência humana. Como se deduz da definição de Metapsfquica, Richet não aceitava a teoria espiritista, ou seja, não concordava com aqueles que atribulam aos desencarnados a causa dos efeitos físicos.*

A Comissão de Milão realizou **16** sessões, seguindo-se as investigações em Nápolis, Roma, Varsóvia e França, durante o biênio **1893** e **1894**. Na França, a investigação contou com mais alguns expoentes da ciência tais como Oliver Lodge, F. Myers e o Dr. Ochorowicz.

Em **1895**, as pesquisas tiveram prosseguimento em Nápolis e também, na Inglaterra, em Cambridge, na presença de Sir Oliver Lodge e do professor Richard Hodgson. Nesse mesmo ano, na França, entra em cena o Coronel De Rochas, realizando em sua residência aprofundados estudos e experiências.

Em **1896** as experiências continuaram em Tremezzo, em Auteuil e em Choisy Yvrac. Em **1897** voltaram a se fortalecer em Nápolis, Roma, Paris, na presença de uma comissão de cientistas composta por Flammarion, Richet, Albert de Rochas, Victorien, Sardou, Jules Claretie, Adolphe Bisson, Gabriel Delanne e outros. Em **1901**, no Clube Minerva, em Genebra, na presença dos professores Porro, Morselli, Bozzano, Venzano, Lombroso, Vassalo e outros, foram realizadas outras sessões experimentais.

Ao final de tantos anos e de tantas comprovações inequívocas sobre a veracidade da atuação dos desencarnados nos chamados efeitos físicos, essa mulher de singular simplicidade, paciência e docilidade ao submeter-se aos testes, alguns deles exaustivos, mas necessários para o fortalecimento do Espiritismo, ainda encontrava forças para exercitar a caridade junto aos sofredores. Em sua bondade, distribuía com os pobres o pouco que tinha, apiedando-se, sobretudo, dos velhos e dos doentes.

Não se conhece uma crítica ou uma queixa proferida por parte dos cientistas que a submeteram aos mais rigorosos testes para a aceitação das verdades espíritas. Pelo contrário, ela sempre teve o apoio e a concordância dos mais renomados homens que representavam a ciência junto às suas faculdades excepcionais.

Lombroso, em seu relatório de **1892**, expressa um pouco dessa realidade: É impossível dizer o número de vezes que uma mão apareceu e foi tocada por um de

nós. Basta dizer que a dúvida já não era possível. Realmente, era uma mão viva que víamos e tocávamos, enquanto ao mesmo tempo, o busto e os braços da médium estavam visíveis e suas mãos eram seguras pelos que se achavam ao seu lado.

Oliver Lodge, em relatório feito para a Sociedade de Pesquisa da Inglaterra, entoou a mesma canção: Conquanto os fatos devam ser explicados, sou forçado a admitir a sua possibilidade. Em minha mente não há mais lugar para dúvidas. Qualquer pessoa sem invencível preconceito que tenha tido a mesma experiência terá chegado a mesma grande conclusão, isto é, que atualmente acontecem coisas impossíveis.

Com sua humildade e sua potente mediunidade, Eusápia Palladino soube cativar e convencer aqueles homens duros e, muitas vezes, incrédulos, quanto à realidade da sobrevivência e da comunicabilidade dos Espíritos. Aqueles que eram realmente cientistas, que pesquisavam sem ideias pré-elaboradas, que buscavam apenas a verdade dos fatos, foram persuadidos pela sua atuação. Os que nem vendo ou tocando acreditaram, ficaram cristalizados em sua descrença à espera de que outras experiências os libertassem do jugo da matéria.

Eusápia, Florence Cook, D'Esperance, foram os grandes expoentes dessa brilhante época do Espiritismo. Aliás, nela a mulher teve papel de destaque. Basta lembrar as irmãs Fox, as meninas Julie e Caroline Baudin e a médium Japhet, estas últimas responsáveis pelas respostas de *O Livro dos Espíritos* em sua primeira edição.

Elizabeth D'Esperance (1849-1918) o corpo pela metade

Madame D'Espérance, cujo verdadeiro nome era Mrs. Hope, é considerada uma das maiores médiuns da história do Espiritismo. Sua tarefa se estendeu por mais de **30** anos consecutivos, numa atividade febril que abrangeu vários países, nos quais sábios e pesquisadores tiveram oportunidade de constatar a poderosa mediunidade e versatilidade de que era portadora.

Quando ainda criança, morando em um velho casarão em Londres, via os Espíritos e os tomava como encarnados até que, compreendendo melhor tal realidade e divulgando-a, recebeu censuras e profecias de que enlouqueceria se assim continuasse.

Por causa dessa relação com o sobrenatural com o qual estava ligada, sentiu-se rejeitada com os maus tratos maternos e os comentários maldosos de que era objeto, adoecendo de maneira tal, que seu pai, um comandante de navio, ao vê-la debilitada decidiu levá-la consigo em viagem. Todavia, até mesmo no mar, a jovem não conseguia livrar-se das visões. Já se aproximando o final da viagem, ela avistou um grande veleiro com velas enfunadas, cuja tripulação circulava febrilmente em

seus afazeres. Como o choque com o navio em que viajava parecia certo ela procurou avisar ao oficial que estava ao seu lado: O navio, por que não pára? Vamos chocar com ele! Pare, pare! Em seguida correu procurando proteção contra o choque que, para ela, era inevitável. Passados alguns instantes, como nada acontecera, ela abriu os olhos e viu, um pouco adiante, o veleiro que fora atravessado pelo navio em que viajava. Era um navio fantasma.

Aos **19** anos, já casada, teve contato com as mesas girantes, familiarizando-se com elas, apesar do medo de ficar louca, pois ainda desconhecia o caráter das manifestações mediúnicas. Em uma dessas ocasiões, encontrando-se sua mãe doente e necessitada de uma cirurgia, e estando seu pai em viagem de desconhecido destino, sendo ignorado o exato local em que se encontrava a fim de ser avisado para retomar à sua casa, a mesa forneceu o nome do navio por ele dirigido e a cidade em que seria encontrado. Outras experiências foram feitas com sucesso, inclusive, no campo da vidência e dos transportes. Ao perceberem tantos fenômenos relacionados com a jovem senhora, explicaram-lhe que ela era uma médium dotada de potentes faculdades, ocasião em que compreendeu todos os fatos que a atormentaram na infância e adolescência. O medo de ficar louca finalmente a deixou.

O grupo avançou nas experiências e logo a jovem estava escrevendo de maneira automática, identificando alguns Espíritos que auxiliavam nas experiências do grupo: Walter Tracey, ex-combatente na guerra civil americana; Hummur Stafford, que parecia ser uma espécie de mentor do grupo e Ninia, uma garota de **7** anos.

Stafford demonstrou ter grande conhecimento científico, pois surpreendia a todos com suas respostas que, inclusive, avançava além do tempo presente, antecipando descobertas quando nem se suspeitavam da sua possibilidade, como quando discorreu sobre a invenção futura de um aparelho com o qual se poderia falar à distância.

O público tomou conhecimento da médium através do Sr. T. Barkas, cidadão muito conhecido em New Castle, que admirado com os dons daquela jovem, incompatíveis com a sua formação ainda em curso, mas que, ao entrar em transe, demonstrava uma sabedoria invulgar capaz de causar admiração e respeito em quem a enfocasse.

Barkas, para medir a extensão daquela mediunidade rara, preparava extensa lista de perguntas sobre os mais variados campos da ciência, mas ficava desnortado com a rapidez das respostas que, para mais confundí-lo, eram dadas em inglês, alemão e latim.

Depois de certificar-se da autenticidade das mesmas, afirmou: Ninguém pode, por esforço normal, responder com detalhes a perguntas de setores obscuros da ciência, cujas respostas exigem familiaridade com o assunto abordado. Além disso, desconheço quem possa ver normalmente e desenhar com minuciosa precisão em

completa obscuridade. Estou certo de que ninguém pode por meios normais da visão ler o conteúdo de uma carta fechada no escuro e que ninguém que ignore a língua alemã possa escrever com rapidez e exatidão longas comunicações nesse idioma. Todavia, todos esses fenômenos foram realizados por essa médium e são tão verdadeiros quanto as ocorrências normais da vida diária.

O conceito de excelência mediúnica da médium d'Espérance firmou-se na autenticidade e na variedade. Em sua obra auto-biográfica, *Shadmu Land*, ela narra como em sua infância brincava com Espíritos de crianças desencarnadas que pareciam tão reais quanto os da sua escola. Essa clarividência excepcional a acompanhou durante toda a existência na Terra, sendo superada apenas por sua desenvoltura como médium de materialização.

O citado livro contém fotografia de Yolanda, uma bela moça árabe, que muitas vezes se materializou e se deixou observar enquanto a médium estava fora da cabine. Dessa maneira a médium podia, ela própria, ver a sua emanção cctoplásmica a formar uma figura já íntima para ela. Nessas ocasiões, dizia ela, sentia em torno do seu rosto e de suas mãos uma espécie de teia de aranha, seguida da visão de uma massa esbranquiçada flutuando ao seu redor, e que aos poucos evoluía para uma figura humana.

William Oxley, compilador e editor de um notável trabalho em **5** volumes intitulado *Angelic Revelations*, descreveu **27** rosas produzidas em uma sessão por Yolanda, a figura materializada através da Sra. d'Espérance, bem como a materialização de uma planta rara: Eu tinha fotografado a planta na manhã seguinte, depois a trouxe para casa e a coloquei na minha estufa, sob os cuidados do jardineiro. Ela viveu apenas **3** meses. Dela guardei apenas a flor e **3** brotos feitos pelo jardineiro.

Em sessão realizada a **28** de julho de **1890**, na presença de Aksakof e do professor Butlerof, de São Petersburgo, um Ifrio dourado, de cerca de **7** pés de altura foi materializado. Durante uma semana ele foi conservado, tempo suficiente para que fossem tiradas várias fotografias, desaparecendo em seguida. Uma dessas fotografias está exposta no livro *Shadow Land*.

Quanto à materialização de Espíritos, prossegue Mr. Oxley: Vi muitas formas de Espíritos materializados. Contudo, a perfeição de simetria no rosto e a beleza de atitude jamais igualava a da jovem Y-Av-Ali. Esse Espírito foi tocado e comparado com as características físicas de um corpo carnal comum em tudo se assemelhando, a não ser por sua beleza excepcional. Em determinado instante ele se afastou dois pés da cabina e começou a se desmaterializar, gradativamente, a partir dos membros inferiores até que somente sua cabeça fosse vista, para, então, desaparecer.

O Sr. Oxley narra um outro fato bastante convincente: Quando Yolanda, a moça árabe que costumeiramente se materializava, falava com uma senhora da assistência, a parte superior de seu vestido caiu, mostrando suas formas. Para meu

espanto, afirmou ele, verifiquei que essas formas eram imperfeitas, pois o busto não era desenvolvido e os seios não eram acentuados. Isso, para mim, foi uma prova cabal de que a forma não era uma figura preparada.

O Sr. Oxley fez moldes de mãos e pés de diversos Espíritos que se materializavam, tendo antes, o cuidado de reduzir a abertura onde tais membros seriam introduzidos, tomando-a impossível à penetração caso algum encarnado tentasse uma burla.

Madame d'Esperance era uma médium comprometida com a verdade, não recusando testes e análises de suas faculdades desde que eles buscassem esclarecer para ela e para os interessados as leis, o objetivo, a veracidade dos fatos que, por seu intermédio, admirava a todos.

A última parte da sua vida ela passou na Escandinávia, sofrendo os efeitos do choque que recebeu, quando um dos presentes a uma sessão de materialização que promovia, agarrou Yolanda, o Espírito materializado, às custas do seu ectoplasma, causando-lhe imediato e severo desconforto. Em seu livro, ela relata a amargura que tomou conta de si pela ocorrência desse gesto duplamente agressivo que, além da desconfiança em sua faculdade, deixou sequelas físicas que a acompanhariam pelo resto da vida: Os que vierem depois de mim talvez venham a sofrer o quanto eu tenho sofrido pela ignorância que alguns nutrem a respeito das leis de Deus. Quando o mundo for mais sábio do que no passado, é possível que os que tomarem as tarefas na nova geração não tenham que lutar, como eu lutei contra o fanatismo estreito e os julgamentos duros dos adversários.

Alexandre Aksakof, conhecido pesquisador do psiquismo e redator do *Psychische Studien*, descreveu em seu livro *Um caso de Desmaterialização*, uma sessão na qual o corpo dessa médium pareceu dissolver-se parcialmente. Eis como ele narra parte dessa reunião: ... O Sr. Seiling levantou-se e estendeu a mão. A médium disse, então: Toque aqui. O Sr. Seiling exclamou: É extraordinário! Eu vejo a Sra. d'Esperance, ouço-a falar, mas, apalpando a cadeira acho-a vazia; ela não está aqui; apenas cá encontro o seu vestido. O tateamento parecia produzir uma viva dor na médium; ela, entretanto, convidou, ainda, várias pessoas a irem apalpar a cadeira. Tomou as mãos do Sr. Toppelius nas suas e passou-as sobre a parte superior do corpo, até que, subitamente, tocassem o assento da cadeira; este exprimiu por diversas vezes o seu espanto e assombro, por meio de vivas exclamações.

Como se sabe, o Espírito que se materializa utiliza o ectoplasma do médium, que a ele deve retomar para recompor seus órgãos, esvaziados em parte pelo fluido cedido, com o qual toma-se visível o Espírito visitante. Por tal razão, é extremamente necessário uma severa higienização material e mental do ambiente, a segurança do médium em local inacessível aos que gostam de tocar para crer e a garantia de que o ectoplasma volte intacto para seu dono.

O fato de tais reuniões exigirem um ambiente com pouca luminosidade deve-se às

características exibidas pelo ectoplasma, que é refratário a luz e, dificilmente, favorece a formação de peças perfeitas em sua presença.

Certa feita, um dos convidados que comparecera a uma das inúmeras reuniões de materialização promovidas por ela, movido apenas pela curiosidade irresponsável, tentou agarrar Yolanda com a finalidade de provar uma farsa que só existia em sua mente deseducada. Imediatamente a médium sentiu dores acerbadas no corpo, que resultaram em uma hemorragia pulmonar deixando-a gravemente enferma.

D'Espérance fez parte da legião de trabalhadores que invadiram o mundo com o objetivo de divulgar e fortalecer as leis e os fenômenos espirituais, em obediência ao planejamento dos Espíritos superiores preocupados com a evolução da Terra. Causando espanto a tantos que a assistiam em seus extraordinários fenômenos, impulsionou a pesquisa, fortaleceu o interesse, mostrou a veracidade dos fatos que promovia, diminuindo a parcela de materialismo e, proporcionalmente, aumentando a legião de crentes em um mundo invisível, cuja interação com os vivos é constante e inegável.

Por tudo quanto fez pelo Espiritismo, merece lugar de destaque entre os fundadores dessa nova ordem moral, cujas consequências trarão melhores condições para a implantação do reino de paz prometido por Jesus, a concretizar-se com o nosso esforço e dedicação, orientados pelo amor e pelo conhecimento, filho da instrução.

Florence Cook (1856 -1904)

Uma pá de cal sobre a incredulidade

Os primeiros detalhes da vida dessa médium de efeitos físicos foram fornecidos por ela própria, em carta dirigida ao Sr. Harrison, em maio de **1872**: Tenho **16** anos de idade. Desde a minha infância vejo os Espíritos e ouço-os falar. Tinha o costume de sentar-me a sós com eles e conversar. Eles me cercavam e eu os tomava por pessoas vivas. Como ninguém os via nem ouvia, meus pais procuraram inculcar em mim a ideia de que tudo era produto de minha imaginação. Todavia, não conseguiram modificar o meu modo de pensar a respeito do assunto e foi assim que passei a ser considerada como uma menina excêntrica. Na primavera de **1870** fui convidada a visitar uma amiga no colégio. Ela me perguntou se eu já ouvira falar de Espiritismo, acrescentando que seus pais e ela se reuniam em torno de uma mesa. Nessa situação obtinham certos movimentos; disse que, se eu consentisse, ainda naquela tarde ensaiariam uma experiência comigo.

A partir dali, com a permissão de sua mãe, iniciaram-se as sessões, sendo que

na primeira, comunicou-se um Espírito que dizia ter sido sua tia. Em seguida, quando a jovem se ergueu ficando em pé junto a mesa, esta se elevou a uma altura de 4 pés, cerca de 90 centímetros. Continuando o seu relato, a médium esclarece: Na segunda sessão os Espíritos nos deram provas de identidade, mas não chegamos a ficar convencidas. Por fim, recebemos através de pancadas no móvel, uma comunicação orientando-nos para deixar o aposento em penumbra, pois eles me ergueriam e dariam uma volta na sala com o meu corpo suspenso. Não consegui conter o riso. Aquilo não era possível. Entretanto, decidimos apagar a luz. Apesar disso a claridade que entrava pela janela não deixou a sala inteiramente às escuras. De imediato senti que alguém me tirava da cadeira, e, no instante seguinte, fui erguida até o teto, fato que todas as pessoas presentes na sala puderam ver. Sob meu espanto, transportaram-me sobre as cabeças dos assistentes, até que fui posta sobre uma mesa existente no extremo da sala. Nessa ocasião a mesa, respondendo a uma pergunta de minha mãe afirmou que eu era médium.

Daí para adiante a jovem realizou inúmeras sessões, iniciando por sua casa. Nessas reuniões os Espíritos quebraram, através de movimentos sem contato, uma mesa e duas cadeiras, para que ficasse bem claro que o ocorrido não havia sido fruto da imaginação. Devido a esse pequeno contratempo, a família decidiu não mais realizar sessões, surgindo a partir dessa decisão um verdadeiro desfile de movimentos de objetos, inclusive na direção da médium: Os Espíritos começaram a nos atormentar atirando sobre mim livros e outros objetos; as cadeiras passeavam sozinhas pela sala, a mesa se erguia violentamente na hora em que fazíamos as refeições, e fortes ruídos não nos deixavam dormir à noite. Todos sentíamos medo. Por fim, nos vimos obrigados a nos reunir em torno da mesa e a dialogar com eles.

Nesse diálogo os Espíritos ordenaram a Cook que se dirigisse até a rua Navarino, número 74, local onde encontraria uma sociedade espírita. Dirigindo-se ao endereço citado a médium encontrou o Sr. Thomas Blyton, que a convidou para assistir a uma sessão na qual ela entrou em transe e, por incorporação, um Espírito advertiu a seus pais de que, se contassem com o auxílio dos senhores Heme e William Crookes, obteriam comunicações mais convincentes. Depois de mais algumas reuniões, Florence veio a saber que o Espírito que as dirigia chamava-se Katie King.

No dia 21 de abril de 1872, em sessão organizada para estudos da sua mediunidade, conforme ata publicada no *The Spiritualist*, ouviu-se um forte bater de vidros na janela sem que ninguém descobrisse a causa. Então, uma voz estranha a todos surgiu no ar e proferiu a seguinte mensagem: Mr. Cook! É preciso que façais desobstruir o canal da calha se desejais evitar que os alicerces da casa sofram.

Surpresos, os presentes procederam a um imediato exame da calha, detectando a obstrução citada, passando a comentários sobre o aviso benéfico. Na

sessão seguinte, Katie King parcialmente materializada mostrou-se pela abertura da cortina falando alguns minutos com os presentes.

A curiosidade do grupo aumentou e a ansiedade por obter materializações completas dominou o ânimo de todos. Isso não demorou a acontecer. Florence foi a primeira médium inglesa a obter materializações integrais em plena luz, fato raro, pois o ectoplasma, material que compõe a forma materializada, é refratário à luz.

Com a evolução dos estudos, Florence, que antes ficava consciente durante a experiência, passou a cair em transe à medida que Katie King adquiria domínio da situação e se mostrava com mais detalhes e perfeição. Seu rosto, princípio, dava a impressão de ser vazio por trás. Depois de um ano de treinamento, parecia compacto, com vestes perfeitas, cabelos sobre os ombros, caminhar seguro.

Quando Katie foi fotografada à luz de flashes verificou-se a grande semelhança entre ela e a médium. Esse problema, que poderia gerar desconfiança entre os presentes, foi resolvido quando Katie alterou a cor de sua face para um tom chocolate, bem diferente da palidez da médium. Em outras experiências, nas quais a médium foi amarrada pelos assistentes no interior da cabine, pôde-se constatar várias diferenças existentes entre ambas. Todavia, estava reservado a William Crookes a constatação definitiva da autenticidade dos fenômenos, uma vez que, sendo cientista e procedendo como tal, faria as experiências necessárias, sempre controladas e sob testemunhas, de maneira a dirimir todas as possíveis dúvidas, inclusive as suas, quanto a autenticidade dos fatos.

Foi a própria médium que, confiante em sua mediunidade, procurou o cientista para submeter-se a qualquer experiência que julgasse necessária, quando ele ainda duvidava da veracidade dos fenômenos de materialização: Fui à casa do Sr. Crookes sem avisar aos meus pais nem aos meus amigos. Ofereci-me como um sacrifício voluntário perante a sua incredulidade. Disse-lhe: Se quiserdes virei submeter-me a experiências em vossa própria casa. Vossa esposa poderá vestir-me como quiserdes e deixarei convosco o que tiver trazido. Podereis vigiar-me como vos aprouver; submeter-me-ei às experiências que desejardes, de modo que vos contenteis em todos os sentidos. Só imponho uma condição: se verificardes que sou agente de uma mistificação, denunciarei-me publicamente; mas se vos certificardes de que os fenômenos são reais e de que eu mais não sou que um instrumento de forças invisíveis, isso direis ao público de modo que todo o mundo tome conhecimento da verdade.

Crookes aceitou emocionado àquela demonstração de brio e de honestidade, passando, a partir de então, a inúmeras experiências com a jovem médium.

Após a despedida de Katie King, passou a se materializar um outro Espírito de nome Marie, a qual se apresentava **Cantando** e dançando, ficando conhecida como a dançarina.

Crookes, que já pesquisara a mediunidade de Homes, obtendo variados e intrigantes fenômenos, obteve através da mediunidade de Florence outros,

igualmente, excepcionais:

Fenômenos observados à luz: movimentos espontâneos de objetos, movimento de mesa sem contato, movimento da alavanca de uma balança, pancadas e reprodução de sons na mesa.

Fenômenos observados na penumbra: Pancadas na mesa; choques e pancadas nas cadeiras; transporte, para cima da mesa de objetos diversos; transporte, através do ar de objetos diversos; transporte, para cima da mesa, da médium com a cadeira em que se achava sentada; aparição de pontos luminosos; rufdos de mãos que batiam no ar, uma na outra; sopros sensíveis; toques produzidos por mãos misteriosas; visões de mãos, nós feitos e desfeitos, traços de lápis, contato de mãos com figuras misteriosas, dentre outras.

Com a médium tendo pés e mãos amarrados verificaram-se ainda fenômenos mais desconcertantes. Vale lembrar que Crookes, realmente, seguiu à risca as restrições à liberdade da médium. A título de ilustração vejamos como essa vigilância era exercida sobre ela: Para termos certeza de que realmente estava em jogo uma mão humana, fixamos na mesa, do lado oposto ao da médium, uma folha de papel enegrecida com fumaça, exprimindo o desejo de que a mão deixasse nele uma impressão, que a mão da médium ficasse limpa, e que o preto da fumaça fosse transportado fiara uma das nossas mãos. As mãos da médium estavam seguras pelas dos Srs. Schiaparelli e Du-Prel. Feita a cadeia e a penumbra, ouvimos logo mão estranha bater fracamente na mesa, e, na mesma ocasião, o Sr. Du-Prel anunciar que a sua mão esquerda, que segurava a direita do Sr. Finzi, sentia dedos que a esfregavam. Feita a luz, achamos no papel várias impressões de dedos e as costas da mão do Sr. Du-Prel enegrecidas: as mãos da médium estavam perfeitamente limpas. Essa experiência foi repetida **3** vezes com completo sucesso.

Em **1899**, atendendo a um convite da Sphiny Society, de Berlim, Florence, já casada, realizou mais algumas sessões nas quais Marie se materializou produzindo fenômenos que encantaram a todos.

*Em **1904**, Crookes recebeu uma carta datada de **24** de abril, noticiando o falecimento de Florence. Sua resposta foi um agradecimento por ela tê-lo salvo da incredulidade, com a sua vigorosa mediunidade. Aquela jovem não salvara apenas a ele, mas a muitos que se obstinavam em descrer da atuação dos Espíritos junto aos encarnados. Através dela, deixando-se utilizar como um instrumento de laboratório, as experiências, pelo rigor científico com as quais foram realizadas, revestiram-se de inestimável valor, abrindo verdadeira clareira no cipoal do materialismo.*

Deve-se a ela uma visão menos céptica adotada por alguns cientistas, notadamente daqueles que participaram das experiências nas quais ela foi protagonista. Quem sabe, um dia, a ciência não retome a analisar a mediunidade e, desta vez, dando-lhe o status merecido de faculdade humana, introduza-a entre os compêndios obrigatórios das universidades? Pós Kardec

Vale Owen (1869 -1931) Um estranho em minha mesa

Vale Owen foi um sacerdote inglês, profundamente dedicado a seu apostolado. Nada estava mais longe do seu pensamento que a ideia de um dia ser médium e de receber, através de suas próprias mãos, comunicações de Espíritos. Nascido em Birmingham, educado no Instituto de Midland e no Colégio da Rainha, naquela cidade, veio a ser ordenado pelo bispo de Liverpool e nomeado para o curato de Seaforth, em **1893**. Sucessivamente foi cura de Fairfield, em **1895** e de Maththeus, Scotland Road, em **1897**, ambos em Liverpool.

*No ano de **1900** ele foi nomeado para Orford, onde criaram uma nova paróquia, na qual se estabeleceu como o primeiro vigário. Owen conta-nos como iniciou o seu intercâmbio com a sua mãe desencarnada e com outros Espíritos, recebendo destes preciosas lições sobre variados temas: Primeiramente foi a minha mulher que desenvolveu o poder da escrita automática. Depois, por seu intermédio, recebi a comunicação de que devia sentar-me, calmamente, com um lápis na mão e receber todos os pensamentos que viessem ao meu Espírito, projetados por uma personalidade externa, não originados do exercício da minha própria mentalidade. Relutei longo tempo, convencendo-me, por fim, de que amigos, que estavam próximos, desejavam ardentemente falar-me. Eles não forçaram a minha vontade, nem a compeliram por qualquer meio - o que teria resolvido imediatamente a questão - no que me tocava. Iam manifestando os seus desejos cada vez com mais clareza, até que me julguei no dever de atendê-los, certo como estava de que a influência deles era boa. As quatro ou cinco mensagens primeiras flutuaram, indistintamente, de um assunto a outro. Gradualmente porém, as sentenças foram tomando certo encadeamento, até que recebi algumas perfeitamente claras. Por essa ocasião o desenvolvimento e a prática seguiam passo a passo. Quando terminei toda a série de mensagens, calculei e verifiquei que tinha mantido uma velocidade de **24** palavras por minuto. Em duas ocasiões únicas tive a ligeira ideia do assunto a ser tratado, e isso quando a mensagem anterior ficou evidentemente incompleta. De outras vezes, esperava fosse abeirada uma questão; ao apanhar o lápis, porém, o curso do pensamento desviava-se em direção inteiramente oposta.*

Para a elaboração de sua obra, Owen contou com a colaboração de sua mãe e de outros Espíritos, que muito trabalho tiveram para convencê-lo a participar das lições que, mais tarde, se fundiriam em um volume, levando esperanças e consolações a inúmeras pessoas.

Diz ele: Opina-se por a(, que os clérigos são indivíduos muito crédulos. O nosso mourejar, porém, no exercício das (acuidades da crítica, colocam-nos entre os mais difíceis de convencer, quando alguma nova verdade está em foco. Fez-se mister um quarto de século para que eu me convencesse:

- dez anos, de que a comunicação dos Espíritos era um fato, e quinze de que esse

fato era verdadeiramente bom.

A obra de Owen intitulada *A vida além do véu* foi elaborada como ele a descreve: Tendo alcançado êxito as experiências, apresentou-se outro instrutor, de nome Astriel, de mais elevada hierarquia. Espírito mais filosófico e de melhor dicção. As mensagens dadas por minha mãe e Astriel formam o primeiro livro dos escritos, *As regiões Inferiores do céu*. Vencida esta parte passei a Zabdiel, cujas mensagens são de mais alto nível que as simples narrativas de minha mãe. Elas formam *As altas regiões do céu*. A nova fase foi *O Ministério do céu*, transmitido por uma entidade que se dizia chamar Leader, e por seu grupo. Depois, ao que parece, assumiu ele, mais ou menos, a direção única das comunicações. Daí em diante dá-se o nome de Arnel. Sob esse nome apresentava uma narrativa que forma o quarto livro. *Os batalhões do céu*, e aí chegamos ao clímax. Estas mensagens são de natureza mais profunda do que qualquer das precedentes, evidentemente preparatórias.

As comunicações recebidas por Owen são de elevada importância, pois estabelecem circunstanciada e completamente as condições da outra vida, como ainda não haviam sido publicadas. O livro coloca-nos em face do universo espiritual de inconcebível beleza e imensidade, adentrando-se em outras esferas, reinos de luz, os quais se desdobram pela amplidão do infinito. Descreve a vida no Além, seus habitantes, os locais em que vivem, meios de locomoção, casas, jardins, cores, sonoridades musicais e a suave luz que envolve toda a atmosfera espiritual. Cita o intercâmbio dos superiores com os que se situam à retaguarda, a jovialidade perene dos bons Espíritos, as condições das regiões de luz e de treva, o poder do pensamento e da vontade na ideoplastia, enfim, enaltece e confirma a perenidade da vida.

Owen jamais aceitou qualquer retribuição pela publicação dos escritos. Reconhecia-se como simples instrumento na transmissão das mensagens, embora houvesse despendido grande esforço para escrevê-las e ordená-las. Entre **1920 e 1921** um jornal londrino o *Correio Semanal*, publicou em série a sua obra, causando protestos entre os religiosos da própria Igreja a qual pertencia. Como tal fato aumentou a tiragem do jornal, demonstrando assim o interesse que o assunto causava, uma editora lhe ofereceu **1000** libras, quantia significativa para a época, para publicá-la, no que ele recusou. Homem amado em sua paróquia pelo bem que fazia, jamais mediu esforços para desempenhar sua missão terrena. Com suas mensagens do Além, os espíritas puderam obter maiores detalhes sobre a vida espiritual, o cotidiano, as artes, o pensamento, a luz eterna que brilha sobre todos, malgrado a indiferença de alguns homens.

Não sendo espírita, os seus escritos trazem o cunho do observador fiel situado em campo neutro, pois foi lúcido o bastante para evitar que o fanatismo lhe armasse com ideias pré-elaboradas contra aquela situação que, para muitos, era engendrada pelo demônio. A sua demora em convencer-se do fato, só fortalece a sua legitimidade, que disseminada, libertou muitos Espíritos para planos mais

altos, pois altos são os anseios de muitos homens.

Aos **53** anos de idade esse trabalhador da espiritualidade iniciou a divulgação do Espiritismo. Dirigiu-se aos Estados Unidos da América onde fez várias palestras e regressou para a Inglaterra onde proferiu mais de **150** conferências sobre os temas divulgados em suas obras. Como tudo fazia com seu próprio dinheiro, escasso por sinal, terminou seus dias quase na indigência.

Na história do Espiritismo existe um lugar para ele, mesmo que não tenha sido espírita, pois o reino do céu não pertence a nenhuma religião em particular, mas aos homens honestos e praticantes da caridade. Deus se utiliza de trabalhadores situados em campos, aparentemente contrários, para fazer brilhar a luz que deve ser de todos.

É nesse sentido que se diz poeticamente que Ele escreve certo por linhas tortas. Ao lembrar o trabalho de Kardec, devemos, igualmente, exaltar as figuras que, juntamente com ele, construíram a história dessa bela filosofia de vida que é o Espiritismo. Nessa história, merecem destacado mérito as páginas escritas por aqueles que se opuseram à nova ideia, fato que mais a valoriza, pois através de um raciocínio simples podemos deduzir que: a descrença vencida em nossos contraditores equivale à crença fortalecida em nossos defensores. O trabalho dos detratores deve ser visto, algumas vezes, como subsídio para forçar o aperfeiçoamento das ideias e detectar possíveis falhas. Vale lembrar que uma ideia com **100%** de aprovação é muito rara e que é graças às críticas sinceras que, não raramente, se detecta ranhuras em uma obra.

Sejamos operosos no bem e nos importemos com a verdade. Aqueles que a ela se opõem, seja por ingenuidade ou por fanatismo, é que devem ter o cuidado para não serem arrastados pela maré alta da razão.

Henry Slade (1835 -1905) Cobrando pelo serviço

Henry Slade, o célebre médium das escritas em lousas exibiu-se publicamente na América durante **15** anos. Em **1876** ele foi para a Inglaterra, passando antes pela Rússia, a pedido da senhora Blavatsky e do coronel Olcott, como médium escolhido para a realização de uma série de experiências sobre os fatos mediúnicos que provocava.

Na terra do Tzar, durante várias semanas foi testado por uma comissão que, diante das observações rigorosas que levou a efeito, concluiu: Observamos a escrita de mensagens nas faces internas de **2** lousas, por vezes amarradas e seladas juntas, quando postas sobre uma mesa, à vista de todos; também verificamos escritas produzidas acima das cabeças de membros da comissão, presas à parte inferior do tampo da mesa, e ainda, nas mãos de um componente da

comissão, sem que o médium a tocasse. Deixando os russos confusos com a sua atuação, pois é muito difícil admitir a inexistência do Espírito diante de uma escrita inteligível que surge de repente diante dos olhos, sem uma causa aparente, seguiu para a Inglaterra para novos testes.

Logo após a sua chegada, a Inglaterra começou a realizar sessões com imediato sucesso. Não somente a escrita era obtida sob fiscalização e com lousas dos próprios assistentes, como também eram produzidas levitações de objetos e a materialização de mãos a plena luz do dia. Diante de tantos fenômenos o *The Spiritual Magazine* divulgou: Não hesitamos em dizer que o Sr. Slade é o mais notável médium dos tempos modernos.

Quem pudesse dispor de **20** shillings poderia ir até o apartamento do médium e lá observar, a qualquer hora, os fenômenos, havendo preferência por parte do médium de que a pessoa entrasse sozinha. Logo que a pessoa entrava começavam os efeitos provocados por sua mediunidade durando cerca de **15** minutos de apresentação.

O mais fantástico nesse médium era a sua falta de preocupação com as condições ambientais, pois tinha plena confiança na atuação dos Espíritos que o auxiliavam e certeza da realização dos efeitos, independente da cobrança que ele fazia. Slade encarava as suas apresentações como uma profissão; precisava sobreviver e se não cobrasse pelas apresentações, os Espíritos não poderiam dispor dele, já que estaria ocupado em uma outra atividade que lhe garantisse o sustento. Nesse ponto, parece que tanto ele como os desencarnados que o assistiam estavam de acordo, pois os eventos, invariavelmente, aconteciam. Com ele tudo era rápido e preciso, pois os operadores invisíveis sabiam exatamente o que fazer em cada apresentação e não o deixavam desapontado.

A primeira sessão de Slade na Inglaterra foi realizada em **15** de julho de **1876**. Em plena luz do dia, o médium e seus dois assistentes ocuparam os três lados de uma mesa comum de cerca de três pés de lado. Slade pôs um pedacinho de lápis, mais ou menos do tamanho de um grão de trigo, sobre uma ardósia e a segurou por um canto com uma das mãos, encostando-a no tampo inferior da mesa. Ouviu-se a escrita na lousa que, examinada, apresentou pequena mensagem. Durante a apresentação as cinco mãos envolvidas no fenômeno, ou seja, as quatro dos assistentes e a mão livre do médium, eram seguras no centro da mesa por circunstâncias; a cadeira vazia no quarto lado da mesa pulou no ar, batendo o assento na borda inferior da mesa; por duas vezes, uma mão materializada fez movimentos enquanto as mãos do médium eram vigiadas atentamente; o médium segurou um acordeom embaixo da mesa e, enquanto se via claramente a sua outra mão sobre a mesa, ouviu-se a canção *home sweet home*, tocada com destreza e harmonia, algo impossível de ser realizado com uma única mão; finalmente, os presentes elevaram as mãos e a mesa se ergueu sem contato até tocá-las.

Digno de nota é o fato de que todos os médiuns de efeitos físicos eram

severamente fiscalizados e vigiados em suas apresentações, devido a natural desconfiança diante de eventos rotulados de sobrenaturais. Todavia, este detalhe jamais preocupou Slade, cujas apresentações, abundantes e certeiras, sempre convenciam os presentes.

No mesmo dia, em outra sessão, novos e surpreendentes fatos aconteceram. E assim, por 6 semanas Slade deixou Londres maravilhada até que um fato lamentável o surpreendeu. No começo de setembro, o professor Ray Lankester e o Dr. Donkin solicitaram duas sessões com a finalidade de observarem as escritas que surgiam nas lousas. Na segunda sessão, tomando uma lousa e encontrando-a escrita, quando pensava que nada tivesse sido produzido, Lankester, absolutamente inexperiente e desconhecedor da teoria dos efeitos físicos, pois nestes nenhum médium pode precisar a hora que tal fato ocorrerá, ou mesmo se ocorrerá, de pronto o acusou de embusteiro através de uma carta escrita ao *77*« *Times*. A denúncia dava conta de que Slade era um fraudador, um homem sem escrúpulos que enganava a boa fé do povo.

O acusador não quis saber das milhares de experiências bem sucedidas realizadas pelo médium nem tampouco, se a mensagem havia sido escrita no intervalo, imediatamente após a conclusão da sessão anterior; muito menos aceitou assistir a uma terceira experiência para certificar-se se sua opinião era verdadeira. Partiu para o ataque, sem remorso de tingir de lama um currículo de invejáveis frutos e excepcional raridade.

Imediatamente responderam ao acusador, Lankester, homens ilustres que conheciam a mediunidade e a honestidade de Slade, tais como o Dr. Alfred Wallace e o professor Barrett, enfatizando que o relato contido na denúncia era extremamente diverso do ocorrido durante as sessões a que assistiram, bem como dos registros das experiências de Serjeant Cox, Cáster Blake e muitos outros pesquisadores que com o médium haviam trabalhado.

Apesar desse apoio e de outros, expressos pelo testemunho de pesquisadores e admiradores, Slade foi a julgamento, no qual as provas sobre a autenticidade dos fatos medi únicos promovidos por ele foram fornecidas por Wallace, Serjeant Cox, Geoge Wild e outros amigos. A acusação foi feita por George Lewis, combatido por Munton.

O magistrado considerou a prova das testemunhas como definitiva e esmagadora, contudo, no julgamento excluiu tudo, exceto a acusação de Lankester, sob o argumento que era seu dever tomar como base para a acusação os fatos naturais. Assim pensando, que a acusação era um fato natural do mundo dos vivos, palpável para ele, incluso nas leis que devia respeitar e embasar sua decisão, e que a defesa apresentava fatos de um mundo desconhecido e ignorado pelos códigos aos quais devia obediência, condenou Slade a 3 meses de prisão e trabalhos forçados, com base na lei contra vagabundagem.

Esse caso escandalizou o movimento espírita que, presto, se movimentou em

defesa do médium. O que se viu a seguir foram protestos, memoriais a ministros, fundos de defesa, solicitação à Câmara dos Comuns e até cópias de protestos, que foram enviadas à rainha, resultando de toda essa confusão uma apelação que o libertou sob fiança. O mal entendido comprometeu a saúde de Slade que, dois dias depois, deixou a Inglaterra.

Superado o episódio, após sessões com êxito em Haya, o médium partiu para Berlim, despertando o mais vivo interesse pelos fenômenos que produzia. Apesar de não falar alemão, surgiram nas lousas mensagens nesse idioma, escritos em caracteres do século XV. Em sua defesa e homenagem o Berliner Fremdenblatt publicou a seguinte nota: Desde a chegada do Sr. Slade ao Hotel Kronprinz, uma grande parte do mundo culto de Berlim vem sofrendo de uma epidemia que podemos chamar de febre espírita.

Slade começou por converter o proprietário do hotel, utilizando suas próprias lousas e mesas. O chefe de polícia e muitas pessoas de destaque em Berlim testemunharam a autenticidade dos fenômenos levados a efeito pelos Espíritos.

Partindo para a Dinamarca e repetindo o mesmo sucesso, de lá dirigiu-se a Leipzig, onde trabalharia com Zöllner. Um relato completo da sua atuação com esse célebre professor encontra-se registrado na obra de sua autoria. *Física Transcendental*. Envolveram-se com essas experiências outros homens cultos e prestigiados em suas funções tais como William Edward Weber, professor de Física; professor Scheibner, ilustre matemático; Gustave Theodore Fechner, professor de Física e filósofo naturalista que, ao final das experiências, declararam-se perfeitamente convencidos da realidade e da origem dos fatos observados.

Missão cumprida na Alemanha, Slade foi à Rússia, onde, após o êxito obtido em uma série de sessões em São Petersburgo, retomou a Londres dirigindo-se em seguida para a Austrália. Nesse país o seu trabalho foi documentado por James Curtis, autor do livro *The Rustlings in the Gold City*, fato que mais o tomava famoso em suas apresentações.

Saindo da Austrália, retomou à América, mas não parou suas apresentações. Como a função desse escrito é apenas homenagear os grandes homens e mulheres que tomaram para si a tarefa de mostrar ao mundo a atuação dos Espíritos através dos efeitos físicos que realizavam, acredito que podemos encerrar por aqui, as viagens desse gigante da medi unidade.

Inegável interação

É claro que não escrevi sobre todos os homens e mulheres que fizeram a história da mediunidade, muito menos, dos fatos que contribuíram para o fortalecimento dessa história. Quis apenas prestar uma singela homenagem a alguns deles, notadamente àqueles que tiveram como missão aprofundar e divulgar

os efeitos físicos não verticalizados pela codificação kardeciana.

Os fatos são muitos e admiradores não faltam quando esses são citados em palestras, como testemunhos da autenticidade da interação existente entre os planos espiritual e carnal. Para os admiradores das intervenções dos Espíritos em nosso mundo, dedico pequeno mimo através da citação de alguns, independentes de datas ou locais, extraídos daqui e dali, notadamente da *Revista Espírita*, onde mais me detive em consultas:

Harriet Beecher Stowe: responsável pela psicografia do livro mundialmente famoso *A Cabana do Pai Tomás*, obra que acelerou a liberdade dos escravos no território americano do Norte.

Abraham Lincoln: Presidente americano que realizava sessões espíritas na Casa Branca, tendo ele mesmo dons mediúnicos, pois previu a sua morte, que veio a ocorrer por assassinato, no dia **15** de abril de **1865**.

Sócrates: Dizia ouvir a voz de um Espírito desencarnado, o seu guia espiritual, cujas orientações o impeliam para ações benéficas.

Paulo de Tarso: Teve uma extraordinária visão de Jesus às portas de Damasco, fato que o renovou espiritualmente, dedicando-se, a partir de então, à doutrina cristã a qual perseguia.

Calpúmia: Esposa de Júlio Cesar, sonhou com o assassinato do marido, avisando-o de que não fosse ao Senado naquele dia. A sua desobediência lhe custou a vida, pois foi assassinado por seu sobrinho, Bructus.

Petrarca: Esse poeta sonhou com a morte do seu melhor amigo, o bispo de Colona, fato ocorrido logo em seguida.

Louise Rhine: Esposa do criador da moderna Parapsicologia, sonhou com o suicídio de um seu irmão, tragédia que, naquele instante, se realizava às escondidas.

Rainha Vitória: Tinha a seu dispor o médium John Brown, do qual se utilizava para dialogar com seu falecido esposo Albert; as decisões de governo continuaram sob a influência do já desencarnado monarca.

Kalkulé: Cansado de pesquisar um modelo para acomodar os átomos de carbono na molécula do benzeno, ao dormir, sonhou com duas cobras, uma devorando a outra, formando uma espécie de hexágono, e ao acordar verificou entusiasmado que aquela era a forma que exaustivamente procurara.

Catarina da Rússia: É chamada para ver uma sócia fantasma, um Espírito materializado, que se demorava em seu trono, ocasião em que, cercado pela guarda imperial e alvejado com dois tiros de fuzil, se desfez sem deixar pistas.

Santo António de Pádua: Pregando na Espanha, soube por via mediúnica que seu pai ia ser supliciado em Pádua, acusado de assassinato. Nesse momento, apóia-se sobre o púlpito e se projeta em Espírito, surgindo diante das autoridades, demonstrando a inocência do pai e dando a conhecer o verdadeiro criminoso.

Pio V: Papa que publicou o catecismo de Trento para uso de toda a Igreja,

ordenou a criação dos Seminários, excomungou a rainha Isabel da Inglaterra e foi o artífice da vitória cristã sobre os turcos na batalha de Lepanto, viu de Roma onde estava, através da visão psíquica, a vitória de Don Juan de Áustria, comandante das tropas da Igreja, em uma das mais sangrentas batalhas da história medieval.

Elias Howe: Por muito tempo tentou construir uma máquina de costura, sem contudo, descobrir uma maneira de prender a agulha com a linha. Preocupado com a questão, certa noite sonhou que estava sendo perseguido por selvagens, pisando em um prego que ficou espetado em seu pé. Tentando em vão retirá-lo, veio-lhe a ideia de furá-lo na extremidade, enfiar através da cavidade aberta um cordão e puxá-lo. Ao acordar concluiu a sua invenção, a máquina de costura.

F. Grant Banting: Prémio Nobel de medicina, através de um sonho conseguiu formular um método para isolar em laboratório o hormônio insulina, utilizado em tratamento para diabéticos.

Adolf Hitler Após frequentar o Grupo Thule, de pesquisas medi únicas, dirigido por Dietrich Eckhart, em Berlim, deixando-se fascinar por sugestões dos maus Espíritos, acreditou ser um emissário da Providência, espalhando a morte e o terror em quase todo o mundo.

São João Crisóstomo: Ao escrever a interpretação das Cartas Paulinas, escutava a voz de Paulo de Tarso orientando-o sobre o que escrever.

Torquato Tasso: Teleguiado por Ariosto, que lhe ditava e inspirava os temas que escrevia, aos **18** anos compôs *Renaud*, concluindo a célebre *Jerusalém Libertada*, obra máxima da sua vida.

George Washington Carver. Em plena pesquisa para fazer uma lixa, sonhou que alguém o orientava sobre como ferver a apeia; detalhe que faltava para concretizar o seu invento.

Conclusão

Escrever sobre homens e mulheres que fizeram história é, sobretudo, escrever sobre a relação existente entre encarnados e desencarnados ligados à Terra, ou, por outro lado, sobre nós próprios, agentes dessa história, cujas páginas nem sempre nos honram.

Todavia, o plano espiritual, em sua generosidade, não se cansa de enviar heróis da caridade, príncipes do pacifismo, mestres da sabedoria, que se vestem de roupagem humilde para melhor servir aos objetivos que perseguem, o progresso da raça humana.

É preciso urgência na maturação do senso moral do planeta, tomar plano e sem ervas daninhas o terreno onde já foram lançadas as sementes das gerações futuras, para que cresçam sem embaraço as virtudes que nos darão a maioridade espiritual, sonho acalentado por tantos missionários que, sucessivamente, aqui

derramam o seu suor.

Parte dessa história, uma página talvez, foi contada aqui neste livro, que não deixa de ser, igualmente, uma tentativa de lembrar a nós, espiritas, a responsabilidade que nos cabe em tão delicado momento histórico.

Certamente, uma boa maneira de desnudar a nossa pequenez é observar o traje viril dos nossos instrutores, a determinação e o sacrifício de personagens que, à maneira de uma vela, que para iluminar a todos se deixa consumir, não hesitam em esgotar suas reservas vitais para que seus irmãos tenham mais luz.

Ao lembrar o sacrifício de tantos Espíritos que se submeteram à análise da ciência para que, através dela, seus dons fossem confirmados, ficamos convictos de que, realmente, não estamos solitários nessa ferrenha batalha: a comprovação da imortalidade, da comunicação e da interferência positiva dos Espíritos em nossas vidas.

Ao relembrar o esforço de médiuns e de pesquisadores, seus dramas e alegrias, estamos reafirmando a existência de um reino que nos espera além deste mundo, uma justiça piedosa, um lugar para onde voltar, a fim de rever amigos.

Na verdade, ó plano espiritual não tem negado esforços para que o progresso moral e intelectual seja acelerado e a defesa das verdades divinas seja o ideal de todos. Quanto às questões de deslocamento na trilha do progresso, agir como uma preguiça ou como uma lebre é decisão de cada um.

Um dia seremos todos velozes. Até lá, data em que utilizaremos os combustíveis do amor e da instrução, que Deus nos inspire a, pelo menos, não desperdiçar o tempo, lançando pedras onde, um dia, pediremos abrigo.

A medi unidade é um mundo tão vasto que, mesmo escrevendo sobre ele por luas e luas, pouco o homem dirá sobre suas fronteiras. Este livro é mais uma pequena erva cheirosa que nasce em sua floresta, dessas cujo aroma acalma o Espírito e o sugestiona para o trabalho.

A felicidade em concluí-lo, certamente, me enviará a uma outra trilha da floresta em busca de mais ervas medicamentosas e aromáticas.

Boa leitura e bom trabalho.

Luiz Gonzaga Pinheiro